

Maria Albertina de Souza Garcia

**A MOTIVAÇÃO RELIGIOSA DAS COORDENADORAS E
LÍDERES DA PASTORAL DA PESSOA IDOSA NA CIDADE DE
FLORIANÓPOLIS/SC.**

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Carlos Eduardo Sell.

Florianópolis, SC
2015.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Garcia, Maria Albertina de Souza

A MOTIVAÇÃO RELIGIOSA DAS COORDENADORAS E LÍDERES DA PASTORAL DA PESSOA IDOSA NA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS/SC / Maria Albertina de Souza Garcia ; orientador, Carlos Eduardo Sell - Florianópolis, SC, 2015.

100 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Ciências Sociais.

Inclui referências

1. Ciências Sociais. 2. Pastoral da Pessoa Idosa. 3. Religião. 4. Assistência Social. 5. Sociologia weberiana. I. Sell, Carlos Eduardo. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Maria Albertina de Souza Garcia

**A MOTIVAÇÃO RELIGIOSA DAS COORDENADORAS E
LÍDERES DA PASTORAL DA PESSOA IDOSA NA CIDADE DE
FLORIANÓPOLIS/SC.**

Este Trabalho de Graduação foi julgado adequado para a obtenção do título de “bacharel” em Ciências Sociais e aprovado em sua forma final pela Comissão examinadora e pelo Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, dezembro de 2015.

Prof. Jeremy Paul Jean Loup Deturche, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof., Carlos Eduardo Sell. Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Alan Mocellim, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Marcelo Pinho, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado
ao meu esposo, aos
nossos filhos e aos meus
pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que colaboraram direta ou indiretamente na resolução deste. A minha família de forma especial ao meu esposo Sidnei, nossos filhos Vinícius e Sophia, obrigada por todo o apoio e compreensão e, por serem o meu refúgio e quem me encorajou. Quero agradecer também, aos meus queridos e amados pais e irmãos e todos os familiares pela preocupação e ajuda.

Os agradecimentos vão também para todos os colegas de curso, pela troca de experiência, ajuda e pelos bons momentos. Um agradecimento especial a minha amiga, Aline B. Barbosa, por sua participação na revisão do texto, também, a Caroline Hoffmann e Maria Teresa De Bastiani, que gentilmente produziu o Abstract deste trabalho. Para as pessoas que trabalham comigo e que foram parceiras e compreensivas nestes quatro anos. Ao corpo docente dos departamentos de Sociologia, Ciência Política e Antropologia, por todo o repasse de conhecimento e pelo crescimento proporcionado ao longo do curso.

Agradeço muitíssimo, as Coordenadoras e Líderes da Pastoral da Pessoa Idosa de Florianópolis, por se colocarem à disposição respondendo os questionários.

Agradeço aos membros da banca, professor Alan Mocellim, e professor Marcelo Pinho, pela disponibilidade e pelos apontamentos conferidos. Muito obrigada.

Um agradecimento especial, ao meu orientador professor Carlos Eduardo Sell, por sua confiança, disponibilidade e atenção dispensada a minha pessoa.

Gratidão a Universidade Federal de Santa Catarina e por tudo que esta instituição me proporcionou.

RESUMO

O objetivo desse trabalho foi auferir qual a motivação das coordenadoras e líderes da Pastoral da Pessoa Idosa (PPI) em Florianópolis no desenvolver de sua ação pastoral. Discutem-se alguns conceitos da sociologia geracional e a percepção de idoso, e ainda as motivações religiosas que indiquem a vertente católica da Pastoral. A metodologia consistiu na análise de conteúdo de questionário com questões abertas, fundamentadas na sociologia weberiana e na consulta de documentos da PPI. O estudo concluiu que as motivações para a ação na PPI estão mais de acordo com a lógica do *ascetismo intramundano* weberiano e que representa uma síntese de elementos tradicionais, carismático-espiritualistas e crítico-progressistas.

Palavras-chave: Pastoral da Pessoa Idosa; Religião; Assistência Social.

ABSTRACT

The objective was to assess what the motivation of the coordinators and leaders of the Pastoral of the Elderly (PPI) in Florianopolis in developing his pastoral action. It is discussed some concepts of generational sociology and perception of elderly, and even the religious motivations indicating the bias of the Catholic Pastoral. The methodology consisted of content analysis of questionnaire with open questions, based on Weberian sociology and the PPI documents query. The study concluded that the motivations for action in the PPI are more in line with the logic of Weberian intramundane asceticism and represents a synthesis of traditional elements, charismatic-spiritual and critical-progressive.

Keywords: Pastoral of the Elderly; Religion; Social Assistance.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIC – Catecismo da Igreja Católica

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

IC – Igreja Católica

PPI – Pastoral da Pessoa Idosa

RCC – Renovação Carismática Católica

TL – Teologia da Libertação

SUMÁRIO

Introdução.....	18
Capítulo I CONCEITOS EM WEBER	23
1.1 O Sentido da Ação	23
1.1.1 Tipos de Ação Social	25
1.1.2 Ascetismo e Misticismo	27
1.2 O Envelhecimento populacional e suas nuances	31
1.2.1 Sociologia Geracional	37
Capítulo II CATOLICISMO	45
2.1 A Diversidade no Caminho	45
2.2 Catolicismo e Assistência Social	52
2.2.1 A Pastoral da Pessoa Idosa (PPI)	56
Capítulo III OUVINDO AS COORDENADORAS	61
3.1 Perfil Sociopolítico: conhecendo aquele que fala	62
3.2 Perfil Religioso: qual o tipo de católico	64
3.3 PPI e Motivação Religiosa	69
3.4 Concepção de Idoso	74
3.5 A Pluralidade Religiosa	76
3.6 Papa Francisco: O Elemento Ambivalente	77
Capítulo IV OUVINDO AS LÍDERES	83
4.1 Perfil Sociopolítico: conhecendo aquele que fala	83
4.2 Perfil Religioso: qual o tipo de católico	84
4.3 PPI e Motivação Religiosa	90
4.4 Concepção de Idoso	95
Considerações Finais	99
Referências	101

RETRATO

*Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo.
Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
Em que espelho ficou perdida a minha face?
(MEIRELES, CECILIA, 1958)*

INTRODUÇÃO

Na poesia “Retrato”, de Cecília Meireles, encontramos uma definição clara, porém não amena das consequências sofridas pelo homem por conta do *Chronus*, termo em latim para definir o tempo. Há uma constante busca por parte do homem por novos meios e formas de lidar e retardar a ação do tempo sobre seu corpo e sua mente. Neste sentido, as questões que permeiam esta dimensão nunca estiveram tão em evidência quanto na contemporaneidade. Segundo estimativas das Nações Unidas, aproximadamente um milhão de pessoas atravessam a barreira dos 60 anos de idade a cada mês no mundo. Para se mensurar as mudanças ocorridas com relação ao envelhecimento populacional, temos que no início do século XX, a expectativa de vida do brasileiro não passava dos 33,5 anos, ao passo que já no ano de 2011, alcançamos a média de 74,08 anos, e as mulheres vivem em média sete anos mais que os homens.

O envelhecimento populacional é um fenômeno que ocorre em escala global e, em especial, nos países desenvolvidos. Esse processo caracteriza-se pelo constante aumento da expectativa de vida e a queda de fecundidade. Na convergência destes dois índices é possível notar que se constrói um grande número de idosos e uma significativa redução de crianças e jovens. Com isso, ocorre uma reestruturação na base da pirâmide da população mundial existente desde o início do século XX, onde era basicamente formada por uma população na fase jovem da vida.

Ademais, são enormes os esforços empregados nas tentativas de ampliar o conhecimento científico sobre a formação e os aspectos no que diz respeito à população idosa, ou melhor, sobre o fenômeno do envelhecimento populacional. Cada vez mais se faz necessário o conhecimento sobre as realidades, as necessidades e particularidades desta parcela da população mundial, o que a princípio parece ser um processo sem volta.

Assim, dada toda dinâmica que se encontra ao redor do envelhecimento populacional, podemos aventar aqui as ações de cunho humanista. Observa-se que há um número cada vez maior de atores sociais que vem se mobilizando no intuito de oferecer a esta parcela da população alguma forma de serviço, ajuda e ou trabalho voluntário. Por conseguinte, estes diversos atores sociais apresentam características bastante divergentes entre si, seja no que concerne a motivação para esta ação, ou no que diz respeito ao ambiente em que nasce a iniciativa para

o trabalho voluntário junto aos idosos. Encontramos ações que nascem dentro dos espaços religiosos, ações que partem das políticas públicas e ainda aquelas que eclodem por meio da iniciativa privada, o terceiro setor de tempos atrás, que em dias atuais se identifica como Responsabilidade Social.

Em vista disto e por vários outros aspectos que abarcam o fenômeno do envelhecimento populacional e os reflexos deste fenômeno na vida e no espaço social, é que trabalho tem como recorte a Pastoral da Pessoa Idosa (PPI), um organismo da Igreja Católica (IC), a saber: um conjunto de estruturas e de pessoas que formam as Pastorais, os Movimentos, os grupos, e as comunidades, que estão empenhadas na ação e missão pastoral, em uma alusão a citação bíblica de João 15,5 "Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, esse dá muito fruto" metáfora que Jesus usou para explicar aos seus discípulos o quanto era necessário que permanecesse ligado a Ele para darem frutos.

É importante informar que essa pesquisa se restringe a cidade de Florianópolis, e que ao longo de vários anos participo de algumas das ações dentro desta instituição católica e dos estudos de seus documentos, mas, sobretudo, pela facilidade de acesso com a coordenação local e estadual desta PPI.

Instigada pela ação da PPI e pelo fenômeno do envelhecimento populacional na cidade e por verificar uma necessidade cada vez maior de entender o surgimento de novos contextos e ações voltadas para a população com mais de 60 anos, é que entendemos ser pertinente questionar sobre quais são os motivadores (predisposições) que levam atores religiosos católicos a envolver-se com a pessoa idosa. Pretende-se entender Quem? Como? Quando? Onde? e especialmente, Por quê (motivo) realiza-se esta ação?

O *objetivo geral* deste trabalho é identificar os sentidos da ação atribuídos por membros da PPI ao seu ativismo social. Os *objetivos específicos* buscam:

- a) Discutir alguns conceitos da sociologia geracional a fim de posicionar a pessoa do idoso atendido pela PPI,
- b) Analisar a partir de qual percepção de idoso a PPI desempenha seu trabalho,
- c) Levantar as motivações religiosas desta ação, visando identificar em qual vertente da Igreja Católica essa pastoral se vincula.

Assim sendo, trabalha-se com a hipótese de que as motivações para a ação na PPI estão mais de acordo com a lógica do *ascetismo intramundano* weberiano do que para a lógica da *mística*. Defendemos que a racionalização operada na ação da PPI se explica pela ação social racional com relação a fins, valores e tradicional.

Acredita-se ser pertinente e esclarecedora uma análise sociológica sobre as questões apresentadas, haja vista a conotação caritativa que a oferta de cuidados na ordem material, psicológica, espiritual, bem como, o auxílio ao idoso no desenvolvimento de sua consciência política, que procura despertá-lo para a busca de seus direitos enquanto cidadão que a ação da PPI traz em si. Esta conotação caritativa junto a PPI deixa, *a priori*, um hiato para a compreensão sociológica no que diz respeito ao sentido subjetivamente visado, conforme se encontra em Weber (2014).

O estudo em lide apresenta sua relevância na medida em que faz uma tentativa de pensar de forma sociológica as esferas que compreende o fenômeno do envelhecimento populacional e o fenômeno da religião, mais especificamente o catolicismo brasileiro, trazendo mais elementos para o debate científico, em que pese sejam estes temas fonte profícua e cara para o pensamento sociológico.

A metodologia empregada neste trabalho foi a aplicação de um questionário com perguntas abertas, divididas em três blocos distintos: o primeiro voltado ao levantamento do perfil social e religioso das coordenadoras, o segundo que buscou a motivação religiosa para a ação na pastoral e, um terceiro bloco, que pretendeu obter respostas com relação ao conceito, situação e lugar do idoso, no trabalho desenvolvido dentro da PPI. O questionário foi distribuído entre os coordenadores e os líderes da PPI na cidade de Florianópolis, das respostas alcançadas se empreendeu o exercício da análise de conteúdo conforme Moraes (1999), fundamentando-nos na sociologia compreensiva de Weber. Realizamos ainda a análise e consulta de documentos específicos da PPI e de alguns documentos da IC.

O trabalho está dividido em quatro capítulos, além da sua Introdução e Considerações finais. O primeiro capítulo, nomeado de “Conceitos em Weber” visa apresentar a conceituação do sentido da ação em Max Weber, bem como se elencam as definições dos tipos de ação social e a diferenciação e conceituação entre *asceticismo e misticismo* weberianos. Propõe-se ainda a apresentar o fenômeno do envelhecimento populacional no Brasil e alguns de seus reflexos na sociedade. Complementando a questão do fenômeno do envelhecimento populacional, mostraremos algumas das discussões no campo da

sociologia geracional, mais especificamente no que concerne a compreensão sociológica da terceira idade, apresentando alguns dos conceitos neste campo.

O segundo capítulo intitulado de “Catolicismo” se propõe a apresentar um pequeno levantamento acerca da produção teórica que abarca o tema do catolicismo brasileiro e conseqüentemente, sobre os momentos vividos pela IC e suas correntes teológicas, buscando mostrar a diversidade que permeia a unidade da IC. Na seqüência, buscamos ainda mostrar um breve levantamento teórico da relação do catolicismo com a área do campo da assistência social, ou do trabalho caritativo e sua relação com a IC. Em seguida trazemos o histórico da PPI a fim de apresentá-la ao leitor, mostrando sua finalidade e seus números.

Por fim, o terceiro e o quarto capítulos chamados “Ouvindo os Coordenadores” e “Ouvindo os Líderes” respectivamente, serão destinados a ouvir estes dois grupos através da concisa análise dos conteúdos dos questionários. Busca-se mostrar o perfil sociopolítico e religioso dos grupos, procurando observar qual o tipo de católico atua na PPI e qual a motivação para a ação na pastoral. Pretende-se ainda mostrar a concepção de idoso e da pluralidade religiosa por parte dos coordenadores e líderes. Ainda, apresenta-se a visão dos entrevistados sobre o Papa Francisco, seguido de uma breve consideração final.

1 CONCEITOS EM WEBER

O debate sobre a natureza boa ou má do homem, ou sobre a virtude humana e o que a pressupõe, ou ainda sobre a convivência cooperada e a ajuda mútua entre seus iguais, são binários que convergem até certa ordem, para um debate acerca da compreensão do sentido da existência humana. Nesta acepção, temos que só o homem dá significado às coisas e busca interpretar o mundo em que vive. A ânsia humana em dar sentido à experiência vivida é tão precípua quanto suas necessidades biológicas. Sendo assim, o homem é incapaz de viver em um mundo que não faça sentido (GEERTZ, 1989 apud CORRELATIVO *et.al*, 2009).

Porquanto, os estudos de Weber (2014) sobre o sentido da ação social, deixa claro o que aqui se entende por sentido, em suas palavras:

“Sentido” é o sentido subjetivamente visado... Não se trata de modo algum, de um sentido objetivamente “correto” ou de um sentido “verdadeiro” obtido por indagação metafísica. Nisso reside a diferença entre as ciências empíricas da ação, a Sociologia e a História, e todas as ciências dogmáticas, a jurisprudência, a lógica, a Ética e a Estética, que pretendem investigar em seus objetos o sentido “correto” e “valido” (WEBER, 2014, p.4).

Sell (2013) lembra que há muito se utiliza a questão da racionalidade em Weber para ancorar a ideia de ação social. “Tradicionalmente, o tema da racionalidade no pensamento weberiano é tratado na literatura a partir do plano da ação social, e ainda que ele seja, de fato, seu elemento fundante” (SELL, 2013, p.11). Para Weber, as relações humanas podem ser entendidas sem tentar identificar ou formular leis e sem a constituição de condições materiais como causa determinante das transformações sociais, como defendiam grande parte de seus contemporâneos.

1.1. O SENTIDO DA AÇÃO

Na perspectiva weberiana, fio condutor de nossa análise e, no exercício sociológico de apreender o sentido da ação social para entender a vida social e as instituições é necessário que se tenha em foco

a conduta individual. A análise do comportamento do indivíduo é fulcral uma vez que tudo o que de concreto existe no âmbito social como: grupos, instituições ou as próprias ações destes indivíduos, são antes expressões e objetivações da atividade humana que lhe preenchem de sentido e de significado (SELL, 2014).

Nessa linha de pensamento, o grande objetivo de Weber é a compreensão da sociedade a partir daquilo que lhe dá sentido, ou seja, o homem. Weber vai afirmar que é só a partir da análise do micro que poderemos compreender o macro. Logo, além de sua perspectiva histórica, a sociologia weberiana apresenta outra inovação, um novo objeto de estudo sociológico, as ações sociais.

Podemos dizer que ação social é toda a ação, cujo sentido subjetivamente pensado pelo ator social, ou seja, pelo indivíduo, faz referência a outro indivíduo ou grupo. Weber (2014) mostra que existe algumas características essenciais para se definir uma ação social. Por conseguinte, toda ação social sendo dotada de um sentido, torna-se intencional e, portanto, não se confunde com um reflexo. Esse sentido é construído de maneira subjetiva pelo próprio agente da ação, não é a sociedade que o impõe, é o indivíduo que escolhe agir de determinada maneira.

Para ser social, é necessário que o sentido da ação esteja voltado para um “outro”,

Nem todo tipo de contato entre pessoas tem caráter social, senão apenas um comportamento que, quanto ao sentido, se orienta pelo comportamento de outra pessoa. Um choque entre dois ciclistas, por exemplo, é um simples acontecimento do mesmo caráter de um fenômeno natural. Ao contrário, já constituíram “ações sociais” as tentativas de desvio de ambos e o xingamento ou a pancadaria ou a discussão pacífica após o choque. (WEBER, 2014, p. 14).

Ao fazer a defesa de seu método sociológico, Weber (2014) alerta que para se proceder com uma análise de ação social será necessário que se faça uma junção de procedimentos, ou seja, há de se ter uma explicação e uma compreensão respectivamente da ação. Os estudos de Andrade (2005) mostram que para Weber a compreensão da sociedade por intermédio do indivíduo não só é viável como altamente profícua, como se observa em sua afirmação:

Mas para colocar o homem como o centro das preocupações sociológicas, Weber teve que reformular o método científico de forma a alcançar seus objetivos. Ao invés de explicar os fenômenos sociais em termos de causalidade, ou seja, buscar as causas e os efeitos dos fenômenos sociais, a tarefa do sociólogo deve ser diferente: consiste em captar o sentido das condutas humanas. Em outras palavras, mais importante do que explicar porquê algo aconteceu (causa) é compreender o que levou certo indivíduo, ou conjunto de indivíduos, a se comportar de determinada maneira. Por exemplo: porque um fiel paga o dízimo mensalmente? Uma perspectiva explicativa apontaria as causas do pagamento do dízimo (dogmas) e os efeitos coletivos desse ato (enriquecimento das instituições religiosas). Para Weber, descobrir as causas e efeitos do dízimo fornece uma explicação precária do fenômeno. Ele prefere investigar o sentido que isso faz para o fiel, ou seja, o próprio agente que exerce essa conduta. (ANDRADE, 2005, p.03).

Na tentativa de mostrar e simplificar a ideia de compreensão, Weber vai classificar a compreensão como sendo intuitiva (psicológica) ou intelectual (racional). No entanto, deixa claro que para acessar o mundo subjetivo dos indivíduos é necessário que se tenha estabelecido alguns parâmetros, para isso faz uma diferenciação dos tipos de ações sociais.

1.1.1. Tipos De Ação Social

É por intermédio da classificação das ações sociais que será possível distinguir quando um determinado comportamento implica em uma relação de sentido justificado, para quem age em relação ao outro. (ANDRADE, 2005). A partir dos critérios estabelecidos por Weber (2014) a fim de diferenciar as ações sociais temos as seguintes formas e ou tipos de ação social racional, como segue: 1) Ação tradicional, 2) Ação afetiva, 3) Ação racional orientada para valores, 4) Ação racional orientada para fins. Cada ação em Weber é caracterizada de acordo com o seu sentido.

A ação estritamente tradicional visa o costume ou as práticas reproduzidas pelas diferentes instituições, quase sempre desprovida de

“sentido”, onde há grande probabilidade de ocorrer uma pura imitação, “frequentemente não passa de uma reação surda a estímulos habituais que decorre na direção da atitude arraigada.” (WEBER, 2014, p.15). Todavia, esta ação tradicional ou cotidiana tem a possibilidade de ganhar um sentido, weberianamente falando, na medida em que se aproxima de outro tipo de ação, aquela que Weber denominou ação afetiva.

A ação afetiva se fundamenta nos sentimentos e ou na emotividade, a exemplo da ação estritamente tradicional também corre o risco de perder seu sentido orientado, pois pode haver um estímulo descontrolado para uma ação não-cotidiana. Para Weber, a descarga consciente, chamada de sublimação, é o que mais se aproxima da racionalização que se colocava na esfera da ação valorativa ou para a ação a fins.

Já a ação racional e a ação afetiva orientada para valores são distintas na construção dos objetivos últimos e pela orientação desenhada com referência a estes fins. Por isso o resultado destas ações não é o que se visa, mas sim a própria ação por sua característica, como temos, “age de maneira afetiva quem satisfaz sua necessidade atual de vingança, de gozo.” (WEBER, 2014, p.15) e puramente racional referente a valores na medida em que são “(...) uma ação segundo “mandamentos” ou de acordo com “exigências” que o agente crê dirigidos a ele” (WEBER, 2014, p.15).

A ação racional orientada para fins é definida por sua orientação voltada pelos fins e meios. Neste tipo de ação, “o indivíduo determina os objetivos da ação, calcula os meios mais adequados para persegui-los e pondera os efeitos de suas escolhas” (SELL,2014, p.119).

Tendo em mente estas distinções feitas com relação às ações sociais é que a sociologia compreensiva de Weber pode estabelecer uma relação de sentido e assim explicar e compreender as diversas condutas humanas.

É importante lembrar que Weber reconhece que as condutas humanas não podem ser classificadas exatamente ou em sua totalidade. Os quatro tipos de ações sociais, não são formas puras encontradas de maneira isolada na realidade. São, na verdade, o que Weber chamou de tipos ideais.

O tipo ideal é uma criação abstrata feita com base na análise dos casos particulares. Desse modo, a conduta de um indivíduo pode, por exemplo, entrar na classificação de dois tipos de ação social ou mais (ANDRADE 2005).

Segundo Weber temos,

Naturalmente, esses modos de orientação de modo algum representam uma classificação completa de todos os tipos de orientação possíveis, senão tipos conceitualmente puros, criados para fins sociológicos, dos quais a ação real se aproxima mais ou menos ou dos quais – ainda mais frequentemente – ela se compõe. Somente seus resultados podem provar sua utilidade para *nostros* fins. (WEBER, 2014, p. 16).

Analisando os tipos de ações sociais colocadas por Weber podemos depreender que a sociedade e as atividades humanas não são explicadas e entendidas apenas por intermédio da tradição ou da afetividade, mas também pela concepção moderna de racionalidade, que em Weber, é ponto fulcral de seus estudos.

1.1.2 Ascetismo e Misticismo

Analisando as religiões no mundo, Weber construiu sua linha de pensamento sobre o processo de institucionalização religiosa e do desenvolvimento da racionalidade moderna. Essa institucionalização da religião intensifica o processo de racionalização do mundo, na medida em que se faz dele um mundo encantado ou não.

Na interação da religião com a dinâmica do mundo concreto o pensamento weberiano indica uma relação entre ideias e interesses. A religião é suficientemente racionalizada, ou seja, sistemática e unificadora, no qual este corpo de ideias religiosas é permeado por uma lógica própria. Neste sentido, houve o esforço de construir um viés de pensamento que abarcou as promessas religiosas que na sequencia foram unificadas e sistematizadas dentro de uma ampla religião de salvação.

O pensamento weberiano baseia-se muito mais nos efeitos e condições impostos pela religião do que em um particular tipo de comportamento social e onde se entende que em sua linha de pensamento seja possível apreender as experiências subjetivas, ideias e propósitos concernentes ao indivíduo.

Foi através da religião que a sociologia weberiana conseguiu identificar o surgimento de um tipo de racionalidade. Essa racionalidade é o elo entre o capitalismo e o protestantismo e, evidenciou a compreensão das motivações racionalizadas da vida econômica, na

medida em que observou a interação do dever religioso com o mundo do trabalho.

Neste sentido, Weber (2014) afirma que o comportamento religioso sendo racional acaba por modular a vida e o relacionamento social do homem,

Mas não é da “essência” da religião que nos ocuparemos, e sim das condições e efeitos de determinado tipo de ação comunitária cuja compreensão também aqui só pode ser alcançada a partir do “sentido” -, uma vez que o decurso externo é extremamente multiforme” (WEBER, 20014, p. 279).

Dois dos elementos presentes no pensamento weberiano que contribuíram para o entendimento desta racionalidade, nos seus estudos sobre as religiões universais, vão ser aqui mobilizados, *o asceticismo* que opõe as coisas de Deus às coisas do mundo e *o misticismo* que busca conter Deus. É por intermédio do discernimento a respeito da caracterização do que se entende por *asceticismo e de misticismo* que Weber construiu o parâmetro para a distinção analítica entre religiões Ocidentais e Orientais, uma vez que balizando os caminhos de salvação almejada, foi possível chegar a uma racionalidade distinta entre os referidos povos.

Nessa lógica, evidenciaram-se resultados e desenvolvimentos econômicos totalmente opostos entre estes continentes. A partir da diferença do ponto de vista religioso e sua prática, considerou-se que certa racionalidade é utilizada no que concerne o modo de viver. Temos na análise de Sell (2009) a respeito do tema, uma clara e pontual definição acerca dos polos *o ascético e o místico*, como segue:

A diferença fundamental é que o místico deseja “possuir” deus, enquanto o asceta é “seu instrumento”. A natureza do primeiro é dada pela busca de um certo “estado de ânimo” e a do segundo pela qualidade ativa de um determinado “fazer” (SELL,2009, p. 17).

Esta linha de raciocínio foi desenvolvida dentro de sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, escrito por Max Weber entre os anos de 1904 e 1905, no formato de dois extensos artigos. Verifica-se na análise em que medida as emergentes religiões

protestantes influenciaram o surgimento deste espírito capitalista, ou seja, qual o grau de envolvimento entre a religião e trabalho racional. Não é raro encontrar interpretações superficiais e por isso errônea, sobre a obra, aonde atribuem a ele a afirmação ou a descoberta de que o capitalismo teria sua origem no universo protestante. Estudos mais minuciosos acerca da obra vão desconstruir e pontuar que apenas um aspecto religioso foi analisado por Weber, a saber, a ética protestante, e que sendo assim, está por si só não explicaria o surgimento do capitalismo, senão o favoreceu.

Desta forma, a relação entre a *mística* e o *ascetismo* ocidental aparece para definir como as religiões se colocam frente à ética econômica da sociedade. Ambos os estados de religiosidade vão refletir e sugerir uma interação com o meio. Neste sentido, temos que Weber define assim o *asceta* como alguém que age no mundo, está inserido na sociedade cumprindo sua vocação e o *místico*, ao contrário, procura fugir do mundo e viver em estado de contemplação do divino (SOUZA,2012).

Os dois polos presentes no pensamento weberiano, o *ascético* e o *místico*, e a relação do crente com o mundo foram utilizados em um primeiro momento para falar do contexto de salvação. Todavia, segundo Sell (2009), temos que mesmo que Weber tenha utilizado estes dois elementos para falar de salvação, não deixou de apontar que estes elementos estão para além desta função. “Conforme o raciocínio de Weber em Economia e Sociedade, a ascética e a mística devem ser concebidas dentro do quadro mais amplo dos caminhos de salvação” (SELL, 2009, p.17).

Os dois conceitos, *asceticismo* e *misticismo* se ampliam na medida em que se foca no questionamento sobre a forma de como se persegue a salvação, ou seja, é ela uma missão e vontade divina ou é ela a busca pelo divino?

Logo, é na forma da busca pela salvação e nos modos diferentes do fiel interagir na relação desta visão com a esfera social que surgem outras variações do *ascetismo* e *misticismo*,

Dessa forma, a introdução das variáveis “intramundano e extramundano” evita que os tipos ideais weberianos, sempre preocupados em “exagerar a realidade”, degenerem em um esquema rígido e estanque, permitindo a ele perceber também as suas diferentes gradações e combinações bem como conservar toda a

complexidade dos fenômenos em questão. (SELL, 2009, p.18).

Essas novas configurações, segundo Weber (2014), são novos tipos ideias que até certa ordem afastam a rigidez deste recurso, haja vista, as possíveis combinações de análises sociológicas em outras esferas sociais possíveis que não a da economia. Os novos tipos ideias mencionados são definidos como “*asceticismo intramundano e extramundano*” que se prendem as práticas da religião dentro do mundo e o “*misticismo intramundano e extramundano*” que compreende o afastamento do mundo pecador.

Para fins de nossa pesquisa nos deteremos, especificamente, nos conceitos de “*asceticismo intramundano*” e “*misticismo intramundano*” que serviu para categorizar as respostas obtidas nos questionários aplicados junto às coordenadoras da PPI.

No entendimento de Sell (2009), o *asceticismo intramundano* define de que forma o crente deve agir no mundo, sua participação na transformação do mundo pecador vai constatar a sua vocação religiosa, essa missão é conduzida pelos valores religiosos. De outra ordem, o *misticismo intramundano* vê o mundo como uma realidade a ser aceita, não se busca negar ou aceitar o mundo, a questão é que viver nele faz parte do processo da vida no mundo concreto e real. Nesta acepção, sua ação é sempre uma ação em si, sem valor e sempre no sentido de ruptura com a realidade secular. Desligado da ação vive buscando o estado de graça.

Em nossa análise, para caracterizar o *misticismo intramundano*, iremos considerar palavras que consigam captar a ideia de “*estado de ânimo*”, definição de Sell (2014), como: *iluminado, sagrado, encontrou humilde e humildade*. Por outro lado, para a caracterização do *asceticismo intramundano* buscou-se identificar nas respostas dos coordenadores da PPI, um certo “*fazer*”, conforme Sell (2014). Assim, consideramos palavras que estão dentro desta linha de pensamento, tais como: *missão, vivência, e vocação*.

Foi dessa forma que Weber construiu um processo de racionalização explicado a partir da esfera da religião. No caso analisado por Weber, dentro das religiões do mundo, através do fenômeno do *asceticismo intramundano* dos calvinistas foi possível apontar um dos fatores, capaz de explicar em parte o capitalismo moderno. Assim, o sentido da ação social descrito em sua sociologia compreensiva, a respeito das práticas religiosas, serviu de recurso ao autor para entender a racionalização da modernidade.

Os polos, *ascetismo e misticismo*, servirão aqui como referencial teórico, a fim de nos auxiliar no exercício de tentar apreender os sentidos da ação pastoral católica, junto aos coordenadores e líderes da PPI na cidade de Florianópolis, na medida em que o nosso ponto de partida foi categorizar a visão ou concepção de *ascese* ou de *mística* apresentada nas respostas obtidas.

1.2 O ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E SUAS NUANCES

O envelhecimento populacional é uma questão global e está latente na sociedade contemporânea. Estudos recentes dão conta de como este fenômeno vem se intensificando em nossa Federação (KUNZLER, BULLA, 2014). A expectativa da média de vida dos brasileiros está em uma constante e acelerada ascendência, estando assim em consonância com o fenômeno mundial, conforme apresenta o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Neste sentido, percebe-se que o país continuará galgando níveis mais elevados quanto à média de idade sua população, alcançando, em 2050, o patamar de 81,29 anos, basicamente o mesmo nível atual da Islândia (81,80), Hong Kong, China (82,20) e Japão (82,60). (COSTA, 2009).

Dada a grandeza do fenômeno que se apresentava em todo o globo terrestre, a Organização das Nações Unidas (ONU) convocou um encontro que teve por finalidade o debate sobre o tema no mundo. Sendo que deste encontro foi criado o Plano Internacional sobre o envelhecimento (PAME) que passou a ser o norteador de muitas nações no trato com o idoso. A partir daí, passaram a se intensificar os estudos sobre as questões do envelhecimento populacional (COSTA, 2009).

Necessário aclarar os conceitos que são articulados para caracterizar e entender a pessoa do idoso. Um dos critérios usados é o cotejamento sobre a expectativa de vida do indivíduo ao nascer em relação à qualidade de vida que os países oferecem aos seus cidadãos. Nas análises acerca do envelhecimento populacional, na década de 70, os estudos começam a se orientar pelo viés da ordem cronológica da vida humana, comenta Santos (2010). Por esta linha de pensamento se entende que o desgaste do corpo humano, por assim dizer, causado pela passagem do tempo nas diversas fases da vida da pessoa, vai acarretar na perda da sua agilidade física, ou seja, àquele vigor que outrora se apresentava na juventude, acaba por se esvaír na fase final da vida.

Esta condição aparentemente de uma pessoa decrépita vai gerar por consequência uma classificação social, criada a partir desta

debilidade física, direciona a pessoa para uma determinada posição dentro da sociedade em que está inserida. Todavia, mesmo Santos (2010) reconhece que seja necessário criar a uniformização ou caracterização de um grupo, a fim de se ter uma ideia do todo que ele representa, criando com isso uma homogeneidade para fins de estudos científicos a respeito do grupo. Ainda, faz uma crítica a esse modelo de categorização, no sentido de que é preciso observar outros aspectos, isto é, considerar as outras partes envolvidas no contexto da vida social do idoso, como segue:

Considerando a relação do todo com as partes e vice-versa, o ser idoso não pode ser definido só pelo plano cronológico, pois outras condições, tais como físicas, funcionais, mentais e de saúde, podem influenciar diretamente na determinação de quem seja idoso. Porém, ver-se como necessária uma uniformização com base cronológica do ser humano idoso brasileiro, a ser utilizada, principalmente, no ensino, considerando idoso, no Brasil, quem tem 60 anos e mais (SANTOS, 2010, p. 1036).

De acordo com isto, o interesse sobre o tema do envelhecimento acentuou-se significativamente nas últimas décadas. Segundo Siqueira *et al* (2002), é possível identificar quatro perspectivas desenvolvidas a respeito do conceito de idoso que são o: “biólogo/comportamentalista”, o “economicista”, o “socioculturalista” e o “transdisciplinar”. Entretanto, quanto a estas classificações as autoras advertem:

Convém destacar que essas perspectivas apontadas não se originam de uma definição dos próprios autores, mas foram aqui definidas a partir da observação dos elementos priorizados por estes, na busca do conhecimento do processo de envelhecimento (SIQUEIRA *et al*, 2002, p.901).

A chamada perspectiva “biólogo/comportamentalista”, por exemplo, orienta-se, segundo as autoras, através das ações da gerontologia e coloca sua ênfase no processo de decrepitude física ocasionada por fenômenos degenerativos naturais do organismo. Dentro deste contexto, os idosos aparecem como portadores de múltiplas

patologias sobre as quais os indivíduos e a sociedade devem atuar no sentido de retardá-los.

Em outra concepção, na perspectiva de análise “economicista”, o leque de envolvidos e de representações sobre a pessoa do idoso se ampliada. Passa pelo mundo do trabalho, da aposentadoria, de cidadãos que reivindicam seus direitos garantidos em lei. O campo da pesquisa nesta ótica está para além do universo da gerontologia:

A aposentadoria, conforme Salgado (1997), (...) decreta funcionalmente a velhice, ainda que o indivíduo não seja velho sob o ponto de vista biológico (...) é uma forma de produzir a rotatividade de mão-de-obra no trabalho, pela troca de gerações. Nessa perspectiva, nota-se uma mudança no discurso. A aparente neutralidade do discurso biomédico anterior vai adquirindo contornos políticos. O entendimento do idoso como ex-trabalhador faz com que os estudos adquiram matizes que vão da simples simpatia (Simões, 1998; Haddad, 1993) à adesão explícita à luta dos aposentados, em que os autores se assumem como militantes de movimentos institucionais organizados pelo segmento de aposentados e pensionistas (Araújo, 1995, 1998; Lourenço, 1992). Nesses estudos, os idosos são apresentados como cidadãos que devem lutar por seus direitos assegurados por lei (SIQUEIRA *et al.*, 2002, p.902).

Ao analisarmos as vertentes e o ponto de convergência entre as duas perspectivas de análise (a “biológico/comportamentalista” e a “economicista”) o que se tem é que, em ambas, o debate se prende quanto a questão do envelhecimento demográfico no sentido de interferir e de onerar os cofres públicos na medida em que demanda grandes gastos na área da saúde, assim como no sistema previdenciário.

Por outro lado, em outras perspectivas de investigação sobre a velhice, os trabalhos de alguns cientistas sociais (antropólogos, sociólogos, historiadores) vão valorizar a análise pelo viés sociocultural. Dessa forma, fazem uma crítica às outras vertentes mencionadas, na medida em que estas se prendem em demasia a ordem monetária do problema no estudo sobre o tema velhice.

Nesse sentido a perspectiva “socioculturalista” argumenta que, embora as questões demográficas e/ou econômicas sejam aspectos plausíveis como justificativa de reformulação de políticas públicas dirigidas à população idosa, elas são insuficientes para revelar e explicar a totalidade dos fatos que emergem da velhice como categoria analítica. (SIQUEIRA *et al*, 2002, p903-904).

Partindo deste movimento intelectual, o idoso passa a ocupar outro lugar na sociedade e, esta posição, por sua vez, passa a ser muito utilizada pelos cientistas sociais que, em paralelo com a gerontologia, mudam o foco dos estudos sobre os idosos.

Corroborando com o que se tem aventado, temos no livro *Antropologia, saúde e envelhecimento* (2002), de autoria de Maria Cecília de Souza Minayo, o objetivo de abordar às produções acadêmicas brasileiras, a partir dos anos 70 até o ano de 2001, que debatem o tema do fenômeno do envelhecimento e ou da terceira idade. Tal levantamento é fundamentado em estudos feitos pelo Centro de Documentação da UNATI/UERJ, e se faz uma compilação dos estudos que visam cruzar o envelhecimento e a saúde como uma construção social e antropológica:

O livro *Antropologia, Saúde e Envelhecimento* que inaugura a coleção, organizado pelos próprios editores, Carlos E. A. Coimbra Jr. e Maria Cecília S. Minayo é bem-vindo por esta motivação de base e, sobretudo, pela atualidade e premência das questões que cercam a atenção ao idoso no Brasil. (MINAYO, 2004, p.1129).

Antropologicamente, a velhice faz parte do ciclo da vida: somos crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos. O ciclo da vida, todavia, não se resume a uma explicação apenas biológica. É antes uma divisão que constitui também uma organização que direciona o lugar e o papel de cada indivíduo no sistema social, político, econômico e por que não dizer religioso.

Outro ponto é o fato de que o termo “velhice” vem sendo contestado por alguns autores. Nessa concepção, na medida em que se tem o avanço da expectativa de vida atrelado à qualidade de vida que se leva dentro da extensão de tempo vivido, vai proporcionar um *hiato* para pensar o idoso por outros termos que não o quase paradigmático e às

vezes depreciativo termo “velho, velhice” e seus sinônimos. Estudos de Palácios (2004) discorre sobre o paralelismo semântico entre o vocábulo velhice e a expressão terceira idade. Fundamentado pelo conceito da mudança discursiva desenvolvida por Norman Fairclough (2001), traz em uma de suas notas de rodapé a lembrança de que Beauvoir foi uma das autoras precursoras deste pensamento:

Na década de setenta, o assunto já se apresentava. Simone de Beauvoir publicou *A velhice*, uma obra de caráter filosófico e sócio-antropológico, antecipando preocupações e mudanças de atitude relacionadas com a chamada “terceira idade”, que viriam a ocorrer a partir das décadas de 80 e 90 (PALACIOS, 2004, p. 2).

Nestes termos, mostra que o numeral ordinal terceira nos remete a uma compreensão da existência de fases anteriores: a saber, a primeira e a segunda idade. A terceira idade passa a ser tida como o cume de uma linha imaginária criada de forma convencional para conduzir a linha da vida. Desta forma, é colocada de forma a anteceder a uma segunda idade que se compreende como maturidade, e a uma primeira idade, que diz respeito à infância. Segundo ela,

Ainda que aponte para a etapa final da vida, a nomenclatura terceira idade faz desaparecer a alusão direta a vocábulos tão semanticamente marcados, como velhice, senilidade e envelhecimento” (PALACIOS, 2004, p.4).

Em consonância com este pensamento, a análise de Camarano (2013) sobre o *Estatuto Do Idoso* sugere algumas mudanças neste documento, haja vista a necessidade adequá-lo à nova realidade demográfica e social, tendo como parâmetro o princípio básico do Plano de Madri:

Esse aumento da esperança de vida e as mudanças nos papéis dos idosos implicam uma rediscussão do conceito de “idoso”. Duas questões se colocam. A primeira advém do critério utilizado para separar indivíduos nas várias fases da vida. A segunda está relacionada ao conteúdo da classificação de um indivíduo como idoso (CAMARANO, 2013, p.10).

O envelhecimento populacional é uma realidade que se apresenta ao mundo e traz consigo as inúmeras problemáticas e debates sobre quem é ou qual o lugar do idoso na sociedade. Qual o grupo a que pertence? Ou ainda qual a regra de classificação que define um indivíduo como uma pessoa idosa? Além disso, segundo Camarano e Medeiros (1999) são estas questões de cunho individual e social que precisam ser entendidas. A elevação da expectativa da esperança de vida assim como a transmutação acerca da pessoa idosa e seu lugar na sociedade acarreta uma necessidade de novamente discutir o conceito de “idoso”.

É essencial pensar no critério da classificação que, por sua vez, vai permitir estabelecer regras, demarcações e agrupamentos por características em comum. Por outro lado, o estabelecimento da regra acontece quando se demarca o conteúdo do grupo populacional, mas, sobretudo, a partir de outras dimensões além das utilizadas para classificação (CAMARANO, 2013).

Assim, a autora vai aclarar que mesmo quando a idade é o definidor do conjunto de pessoas com muita idade, não se limita a isso, é na verdade um grupo de pessoas com determinadas características sociais e biológicas. O conceito de pessoa idosa que está associada a características biológicas avança para uma identificação não somente de indivíduos em um determinado ponto do ciclo de vida orgânico, mas em um determinado ponto do curso de vida social. Pois, a classificação de pessoa idosa situa os indivíduos em diversas esferas da vida social, tais como o trabalho, a família, etc. (CAMARANO E MEDEIROS, 1999 APUD CAMARANO, 2013).

O fenômeno do envelhecimento populacional está acontecendo em paralelo ao aumento da expectativa de vida, seguido de uma melhoria das condições de saúde física, cognitiva e mental da população idosa, bem como, sua participação efetiva na sociedade e suas imbricações. Logo, surgem diferentes focos de estudos sobre o envelhecimento.

O envelhecimento *ativo* é um exemplo desta mudança de foco. Seu objetivo está no processo das oportunidades de saúde, participação e segurança, com a pretensão de melhorar a qualidade de vida na medida em que as pessoas vão ficando mais velhas. Isso auxilia as pessoas a perceberem o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades. Ao mesmo

tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados quando necessários (ASSIS, 2005).

Nessa toada, Vicente e Santos (2013) fazem uma avaliação dos determinantes do envelhecimento *ativo* em idosos:

O objetivo do envelhecimento ativo é aumentar a expectativa de uma vida saudável e de qualidade para todas as pessoas que estão envelhecendo, considerando-se qualidade de vida como a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais ele vive e com relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (VICENTE; SANTOS, 2013, p.371).

Assim, por *ativo* entende-se a participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente a capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho. As pessoas mais velhas que se aposentam e aquelas que apresentam alguma doença ou vivem com alguma necessidade especial podem continuar a contribuir ativamente para seus familiares, companheiros, comunidades.

O envelhecimento populacional produz mudanças na estrutura populacional e traz uma série de desafios. Entre os desafios do envelhecimento populacional, principalmente no Brasil, pode-se mencionar o da família, da pobreza, o da aposentadoria, o dos asilos e, principalmente, o da promoção da saúde e da formação de recursos humanos.

Desta forma, partindo do pressuposto que cada vez mais se caminha nesta direção, pode-se dizer que entre tantos desafios vividos atualmente pelo Brasil, um dos mais urgentes é o de cuidar de sua população de milhares de idosos, pois como lembrou Veras “O Brasil hoje é um jovem país de cabelos brancos” (VERAS, 2009, p.549) e como jovem que é talvez não tenha maturidade política e financeira para tratar o problema de maneira imediata. Neste aspecto fica a dúvida e se produz um crescimento na vulnerabilidade do idoso brasileiro.

1.2.1 Sociologia Geracional

A classificação é a ação e o efeito de classificar (ordenar ou dispor por classes). A classificação periódica, por exemplo, corresponde à tabela periódica dos elementos. Esta é uma organização que,

atendendo a diversos critérios, distribui os distintos elementos químicos de acordo com certas características. Partindo dessa lógica, surgiram também esquemas especializados de classificação aplicáveis a diversos assuntos. Vários campos passaram a usar a classificação como critério de avaliação para eventuais seleções, sejam elas de notas, de resultados, de desempenho, etc.

Assim, quando se começa a pensar a questão do indivíduo e a dimensão de sua existência e de sua vida social na sua relação com o tempo, a lógica da classificação também se faz presente a fim de auxiliar no entendimento do processo da vida. Neste sentido, temos que o ciclo da vida em sua forma mais básica constitui em uma classificação desenvolvida para questões e direcionamento de estudos e dos objetivos visados no campo do intelectual.

As etapas da vida humana que consistem em ser criança, adolescente ou adulto e que constitui em parte a identidade dos homens, são categorizadas como a faixa etária, por exemplo, que classifica as pessoas em grupo onde o critério é o ano de nascimento. Essa classificação, por sua vez, atinge todas as esferas da vida social e pessoal. Está presente no espaço familiar, no trabalho, nas instituições governamentais e ou no mercado consumidor,

Ao longo desse complexo processo, composto por várias e distintas fases, ocupamos posições sociais particulares, desempenhamos tarefas específicas e contemplamos o surgimento e o desabrochar, o ocaso e o desaparecimento de coletividades que nos precederam e que nos sucederão, contribuindo positiva ou negativamente, para isso (DOMINGUES, 2002, p.67).

Não obstante, o debate sobre gerações se constitui por épocas e sociedade diferentes. Ouve-se falar de gerações dos babyboomers que são aqueles nascidos entre 1941-1960, ou a geração X que se refere aos nascidos entre 1961-1976, e ainda os que estão classificados como geração Y, nascidos entre 1977-1992 e a geração Z nascidos após 1992. A classificação se dá aqui pelos seus diversos estilos de vida, consumo e práticas sociais que se ligam à modernidade e à tecnologia.

O processo constante de mudanças de comportamento e pensamento nos indivíduos leva vários estudiosos a pesquisarem o assunto, e a sociologia não se furta a esta tarefa que, diga-se de passagem, é de grande valia para entender a complexidade que cada geração apresenta. Assim, procura de forma mais específica aclarar as

nuanças de mudanças socioculturais que interferem nas relações intergeracionais e ressalta as distinções entre as gerações. Com intuito apenas de contextualizar o leitor a respeito deste tema, de forma muito breve, discorreremos sobre alguns conceitos de sociologia geracional.

Começamos mostrando que o debate sociológico sobre gerações pode ser definido em três momentos: o surgimento do termo “coortes” primeiramente, seguido pelo termo “grupos etários” e, por último, o termo “gerações”, conforme enfatiza Motta (2010). Cada um destes termos carrega uma particularidade que determina o momento social vivido.

Por coortes se entende os estudos que se pautam pela classificação de um grupo de pessoas que nasceram dentro de um determinado espaço de tempo, crianças nascidas entre 2010 e 2015, por exemplo. Na sistematização das fases da vida temos, segundo Weller (2010), que o conceito de gerações de Mannheim é visto por muitos autores como a mais abrangente tentativa de explicação a respeito do tema e, ao mesmo tempo, como o responsável pela ruptura do conceito de unidade de geração por sua concretude. Em suas palavras:

O conceito de gerações de Mannheim e sua acurada elaboração sobre a posição, a conexão e a *unidade geracional* rompem com a ideia de uma unidade de geração concreta e coesa e nos instiga a centrar nossas análises nas *intenções primárias documentadas nas ações e expressões de determinados grupos*, ao invés de buscarmos caracterizar suas especificidades enquanto grupo. (WELLER, 2010, p.219).

Todavia, os estudos de Mannheim recebem críticas no que concerne o seu conceito de geração. Domingues (2002) aborda a crítica:

Um problema adicional quanto à teoria de Mannheim foi aventado por Kertzer (1982; cf. também Foner, 1984, pág. 205), que acusa o que seria a imprecisão do uso do termo “geração”, preferindo falar de “coortes” para designar grupos etários e reservando o conceito de gerações para referir-se à sucessão de indivíduos dentro das linhagens, típicas de sociedades nas quais as relações de parentesco cumprem papel sobremaneira importante na vida social (DOMINGUES, 2002, p.72).

Mesmo apresentando problemas de interpretação ou conceituação de gerações, o conceito desenvolvido por Mannheim se mantém atual. Por um lado, desenvolve uma perspectiva multidimensional de análise das relações sociais e geracionais e, em outro, nos sugere repensar a construção de método analítico que são identificadores de singularidade de experiências concretas, que carecem de uma análise teórica (WELLER, 2010).

Neste sentido, temos a sociologia da infância, surgida no século passado, discutida cada vez mais no contexto mundial, tendo como objetivo fomentar o debate sociológico sobre a ideia de posicionar as crianças como atores sociais. Por outro lado, a sociologia da juventude que busca analisar diferentes aspectos desta população. Todavia, vale dizer que, os elementos constituídos por Mannheim, até hoje, contribuem para uma compreensão diferenciada dos desafios das relações inter-geracionais.

A identificação do fenômeno do envelhecimento populacional é sem dúvida uma das grandes questões analisadas pela sociologia. Neste contexto, entender os fenômenos que aparecem e permanecem no seio da sociedade é uma constante do conhecimento científico. Sobre o fenômeno do envelhecimento populacional temos nas palavras de Silva (2008):

O acentuado envelhecimento da população é um tema que vem recebendo destaque em diversos campos da cultura, gera debates e produz tanto inovações quanto desafios, no que se refere à gestão coletiva dos ‘problemas’ sociais. No campo dos estudos acadêmicos sobre a velhice, esforços têm sido empreendidos com o intuito de analisar, problematizar e propor novas formas de compreensão do envelhecimento (SILVA, 2008, p.156).

Assim sendo, o esforço de Silva (2008) vai ser na elaboração de um histórico sobre as noções de velhice e terceira idade como categorias que permitem identificar grupos de pessoas ligadas ao processo de envelhecimento. Sua análise mostra que as origens de tais noções são formadas a partir de uma junção complexa de fatores que perpassa a esfera da medicina, a esfera social, assim como o campo econômico e político, cada qual com seus respectivos interesses. Em sua ótica, os termos velhice e terceira idade acabam por ser tomados com forma

legitimadora para categorizar pessoas que fazem parte de um grupo que apresentam a característica de um corpo físico velho.

A terceira idade vai surgir como uma categorização etária que eclode com a especialização dos agentes de gestão do envelhecimento. A gerontologia social ganha corpo através de seu discurso, juntamente com a expansão do universo do consumo para estes grupos. Neste contexto, aonde várias vertentes vão tentando dar conta da questão do envelhecimento populacional, seja na tentativa de entender, seja na problematização deste fenômeno, é que se encontra a sociologia geracional.

Silva (2008) pontua que o estabelecimento da velhice como categoria social delimitada pelas degeneração física e da invalidez legitimada por direitos específicos, atinge um período no qual a sua importância social cresce consideravelmente, como se pode denotar:

Groisman (1999) e Debert (1999) destacam as décadas de 60 e 70 como o segundo período mais marcante para a história da velhice, quando esta passa a ser um problema coletivo e adquire visibilidade social. Tal fato é explicado, pelo discurso gerontológico, como resultado direto do aumento demográfico da população de velhos. Porém, ainda que tal aumento seja, sem dúvida, um dado importante na história da velhice, não explica totalmente a caracterização desta como problema socialmente relevante (SILVA, 2008, p.159).

Assim, pode-se perceber que o processo de envelhecimento de uma pessoa vai aos poucos constituindo uma identidade, ou seja, vai caracterizando essa pessoa e determinando o espaço a ser ocupada por ela na sociedade, e se apodera de direitos sociais específicos para sua condição.

Com relação aos direitos sociais e para os outros aspectos que estão para além deles, trazemos um tema que é bastante debatido na sociologia do envelhecimento, que diz respeito à questão de vulnerabilidade a que este grupo de pessoas acaba se encontrando. São muitas as dificuldades que os idosos enfrentam diariamente para viver na sociedade, ainda mais se considerarmos a perda do vigor físico. A vulnerabilidade se apresenta em diversas áreas, como corrobora a fala de Carolino *et al* (2009):

A vulnerabilidade social do idoso decorre da diversidade de circunstâncias enfrentadas no cotidiano pela população envelhecida. (PAZ; SANTOS; EIDT, 2006). Algumas dessas circunstâncias têm relações diretas nos aspectos das questões sociais, culturais e econômicas de cada sociedade (CAROLINO *et al*, 2009, p.8).

A condição de inutilidade da pessoa idosa gera um estranhamento dicotômico, há em parte da sociedade para com o idoso e de outra ordem, qual seja a do idoso para com a sua própria pessoa. Para a sociedade acontece este estranhamento na medida em que considera que a vida produtiva, e por isso a utilidade da pessoa idosa, não pode mais ser considerada. Este processo acaba relegando a pessoa idosa da sociedade e dando margem a um processo de marginalização cada vez mais presente na sociedade atual. Por vezes o que se tem percebido é a situação de preconceito com este grupo.

Por outro lado, tem-se que o idoso muitas vezes acaba aceitando a condição que lhe é imposta pela sociedade e, por isso, acaba se fechando em um ostracismo social. Também, percebe-se o idoso tomando a ideia de inutilidade se mostra vulnerável física e emocionalmente. Além disso, a situação que mais tem sido identificada é a condição de preconceito, indiferença, maus tratos, exploração física e financeira dentro do contexto familiar, ou seja, acabam os idosos se tornando vítimas da negligência e da falta de valorização humana em sua própria família:

Alguns idosos são vítimas do abandono e negligência familiar e do Estado, grande número deles chega ao envelhecimento em situação de risco e vulnerabilidade social. (BERZINS; WATANABE, 2005), perdendo até a sua identidade como cidadão e como ser humano que é (CAROLINO *et al*, 2009, p.8).

Entende-se então que os desafios atuais consistem em procurar formas de garantir o direito, o respeito, a proteção social desta parcela da população. Para isso, é necessário que tanto as instituições sociais e governamentais como as famílias tenham a consciência de que estas pessoas são merecedoras iguais a qualquer outro cidadão, homem e mulher, criança, jovens e adultos, da dignidade humana e da cidadania. Sobretudo, quando cada dia mais se alarga a possibilidade de afirmar

que ser idoso não é sinônimo da etapa final da vida, haja vista que o fator da idade acaba não sendo mais o fator preponderante para esta condição.

Por isso, na ausência da condição de dignidade humana e/ou da cidadania, ou seja, na condição de vulnerabilidade e fragilidade da pessoa que a ação da PPI se direciona e que aqui será considerada. Pois, mesmo que se defina a idade de 60 anos o que se observa é a demarcação do público alvo da PPI.

2 CATOLICISMO

2.1. A DIVERSIDADE NO CAMINHO

O catolicismo é uma das mais expressivas vertentes do cristianismo e congrega a maior comunidade de cristãos existente no planeta. Pesquisas apontam o Brasil e o México como os principais redutos destes fiéis. Nesta ótica, se pretende apresentar um quadro breve sobre a evolução do catolicismo no Brasil através do pensamento de alguns autores que tratam sobre o tema e sobretudo, no que diz respeito a algumas tendências teológicas que eclodiram dentro desta instituição e que por vezes gerou desconforto entre os seus pares.

Considerando que a religião é um fenômeno sociologicamente analisado, os estudos de Dix (2007) vão nos mostrar que muitos intelectuais, entre eles alguns dos clássicos da sociologia, partem da religião para explicar outros fenômenos sociais:

De facto, a religião tornou-se a partir de Smith fonte importante para o conhecimento das estruturas sociais. Trata-se de um conhecimento que iniciou uma nova etapa no estudo das religiões, especialmente na sociologia da religião. Estes estudos poderiam ser designados de uma certa forma como o prólogo para um género de maré-cheia de novas pesquisas em volta da religião na primeira metade do século XX. Numa sequência bastante rápida foram saindo trabalhos importantes e cada vez mais metódicos sobre a religião, tais como os de Max Weber, Émile Durkheim, Sigmund Freud, Aby Warburg, Nathan Söderblom, Rudolf Otto, Marcel Mauss ou Bronislaw Malinowski (DIX, 2007, p. 17-18).

Partindo do pressuposto que “a religião manifesta-se, para análise, como fato, representação, revelação, tradição ou fenômeno é também pertinente presumir que nesse leque conceitual há um cerne aglutinador constante, o poder” (OLIVEIRA, 2014, p.3). Assim, temos que o poder religioso acaba se justificando na condição do sagrado e se materializa nas instituições religiosas e suas hierarquias (Ibid.). Todavia, é salutar mencionar que religião e instituição religiosa não são sinônimas, as duas diferem na sua definição e objetivo. Para elucidar, Mendonça (2010) define assim:

As instituições religiosas são veículos da comunicação religiosa, mas não são a religião em si mesma. Elas sistematizam e divulgam por meio de seus agentes – ministros, teólogos, intelectuais etc. – o conteúdo da fé expresso pelos profetas e aceitos e assimilados pela cultura nas formas de conduta. As instituições religiosas são efeitos sociais das formas de expressão de Deus anteriores a ela e, como tais, são objeto de estudo da história, da sociologia, da antropologia e de outras ciências que têm por objeto as manifestações humanas perante o sagrado (MENDONÇA, 2010, p.23-24).

A breve diferenciação entre religião e instituição religiosa se faz necessária na medida em que se busca o entendimento sobre a prática da ação na PPI na cidade de Florianópolis, organismo que nasce no seio da instituição católica, e ainda pelo fato da grande influência que a sociedade civil brasileira recebeu da igreja católica. O poder religioso católico é, sem dúvida, uma das grandes questões debatidas dentro do pensamento sociológico e que permite entender os mais diversos fenômenos sociais brasileiros.

Visto por este prisma, fértil é o campo do catolicismo brasileiro para o pensamento científico, pois permite pensar os nexos deste tema com a nossa realidade. Abarca os pensamentos tanto de historiadores, como os de antropólogos e dos de sociólogos, que visam traçar uma linha capaz de perceber as imbricações existentes no eixo que se ancora a igreja e a sociedade. Desde sua chegada ao Brasil, o catolicismo se embrenha não só no campo religioso, mais também, de forma muito estreita com o campo político e social brasileiro.

Os escritos de Sell (2004) coadunam com este pensamento, em que pese mostram alguns momentos em específico da reflexão social desta religião no contexto brasileiro, “sua identificação como o plano social, onde o catolicismo funcionava como a instância legitimadora da ordem social e cultural” (SELL, 2004, p.85). Para ilustrar sua linha de pensamento, o autor faz um levantamento da produção intelectual e dos avanços desta produção em dado período histórico, a partir da mudança de pensamento e autores que se apresentam a cada fase do catolicismo.

Gilberto Freyre é um dos autores mencionados por Sell (2004) entre aqueles que pensaram o Brasil colônia e suas nuances. “Entre os *pioneiros* desta reflexão, Gilberto Freyre é um dos primeiros a chamar a

atenção para as peculiaridades do catolicismo no Brasil, especialmente por causa das suas influências negras” (SELL, 2004, pag. 85).

É interessante mencionar outro recorte para a sua análise, uma vez que significativo é o número de autores que se debruçam suas análises a partir das particularidades presentes no interior da instituição católica e que por vezes ultrapassou seus muros, ou seja, a diversidade presente no caminho do catolicismo brasileiro.

Devido a complexa e grande diversidade dentro da IC e que sua análise, optamos para fins deste trabalho, em detrimento a vários outros momentos que dão corpo a este tema, apresentar de forma muito superficial a vertente católica denominada como Teologia da Libertação (TL) e também sobre outra vertente, a Renovação Carismática Católica (RCC).

Com relação à TL é importante que se mencione o contexto religioso, social e político que se vivia em seu surgimento. Foi em meio a uma grave crise moral, um ateísmo militante, uma sucessão de guerras sangrentas, ruínas espirituais causadas por tantas ideologias e amplo progresso científico. No ano de 1961, o beato João XXIII deu início àquele que seria um dos maiores acontecimentos dos últimos tempos na vida da Igreja: a convocação do Concílio Vaticano II, celebrado sob o seu pontificado e de Paulo VI entre 1961 e 1965. Nestas condições surge a TL, com a prerrogativa de dar nova interpretação global do cristianismo.

Nesta vertente, o cristianismo é explicado como uma práxis de libertação e pretende constituir-se um guia para tal práxis. Como toda realidade é política, também a libertação é um conceito político, e o guia rumo à libertação deve ser um guia, para a ação política; ou seja, a busca da libertação, para a TL, é conquistada pela via política, e não pela Redenção de Jesus (SELL,2004);

Quando se fala de TL é razoável dizer que surge uma dificuldade de definição por parte dos menos familiarizados com esta vertente católica. Os estudos críticos de Boff (2007) corroboram a nossa percepção e esclarecem o que queremos mostrar. Seu esforço reside exatamente nesta questão, ou seja, faz uma análise crítica a respeito da ambiguidade epistemológica acerca do fundamento desta teologia. Começa reconhecendo por primeiro, a opção pelos pobres como eixo da epistemologia desta vertente católica, em suas palavras:

Ora, a atual TL, prática e mesmo confessadamente, confere primazia (prioridade ou centralidade) ao pobre e à sua libertação. A

“opção pelos pobres” seria seu eixo ou centro epistemológico. Diz-se também que o pobre ou a realidade do pobre é o “ponto de partida” dessa teologia. Esta adota a “ótica do pobre”. Tudo isso é sabido e é, aliás, o que caracteriza essa teologia (BOFF, 2007, pág.2)

A grande questão para Boff é a confusão presente na epistemologia da TL, na medida em que não se consegue ou não se tem o cuidado de aclarar esta ambiguidade epistemológica. São grandes os desencontros de entendimentos da prática teórica, que leva no entendimento de Boff, a uma “inversão” de primado epistemológico. Neste sentido, não é mais Deus a razão primeira da lógica operacional da teologia, mas o pobre. O erro neste primeiro princípio operativo desta teologia, leva ao erro da inversão de prioridade e esse por sua vez acaba por produzir o erro de perspectiva que se constitui em uma falta grave e até certa ordem fatal.

Esta situação proporciona a proliferação de entendimentos distorcidos sobre esta teologia, refletindo em problemas de consistência teórica e prática, haja vista a sua fragilidade dentro destes dois campos. O autor mostra que estas fragilidades se convertem em um drama para esta teologia e o coloca na forma das seguintes questões:

Podemos, pois, dizer que a TL vive o seguinte “drama teórico”: o que é *decisivo* permanece nela *indeciso*. Daí sua falta de consistência epistemológica. Mas sem consistência epistemológica, como pode uma teologia ser teoricamente consistente? E sem uma teologia consistente, como pode ser consistente a pastoral que nela se apoia? (BOFF, 2007, p.3).

Todavia, na concepção do autor, este drama não invalida o trabalho da TL e sua presença dentro da IC, em suas palavras:

(...) queremos lembrar que o questionamento crítico feito até agora acerca dos fundamentos da TL não entende refutar essa corrente, mas repô-la em seus fundamentos originários. Pois só assim poderá ser “salva”, “salvando” consigo os preciosos frutos que produziu, especialmente a opção preferencial pelos pobres e a fé como força de libertação (BOFF, 2007, p.11).

Por outro lado, Sell (2004) ao mencionar as mudanças que aconteceram dentro da própria instituição, aponta os estudos de Pedro Ribeiro de Oliveira (1999) que recorre a Weber para mostrar o seu entendimento acerca das diferenças entre a TL e da RCC, como se pode observar:

Pedro Ribeiro de Oliveira (1999) recorre a Weber para caracterizar a RCC. Enquanto a teologia da libertação seria uma religião de tipo messiânico que busca transformar a ordem existente a partir da intervenção religiosa; a RCC teria características de uma religião de aperfeiçoamento, pois “os dons e carismas infundidos em cada indivíduo pelo Espírito Santo podem tornar-se o ponto de partida do processo de auto-salvação, pois caberia a cada pessoa a responsabilidade por desenvolver esses dons e carismas (OLIVEIRA, 1999, p. 834)” (SELL, 2004, p.95-96).

A RCC é uma vertente da IC, segundo Sofiati (2009), pode ser concebida como:

(...) um movimento de revivência espiritual fundamentado num tipo de experiência religiosa pautada na doutrina romana, na tradição, na procura da santidade pessoal e na assídua prática sacramental (SOFIATI, 2009, p.218).

Já os trabalhos de Pedro Ribeiro de Oliveira (1999 *apud* Sell, 2004) traz a ideia de uma religião de auto-salvação. O pensamento de Oliveira sobre a RCC, a partir de Weber, mostra que

Enquanto a teologia da libertação seria uma religião de tipo messiânico que busca transformar a ordem existente a partir da intervenção religiosa; a RCC teria características de uma religião de aperfeiçoamento, pois “os dons e carismas infundidos em cada indivíduo pelo Espírito Santo podem tornar-se o ponto de partida do processo de auto-salvação, pois caberia a cada pessoa a responsabilidade por desenvolver esses dons e

carismas (OLIVEIRA, 1999, p. 831)” (SELL, 2004, p.95-96).

Para Jurkevics (2004) as mudanças ocorridas na Igreja levaram a RCC a recuperar a importância do indivíduo, destacando uma vivência religiosa fortemente marcada pela expansão das emoções, da cura, com efeitos mágicos dos dons do Espírito Santo.

O principal objetivo deste ramo católico, afirmam os militantes, é a renovação interior e, qualquer atuação no campo social deve resultar do amadurecimento interior, portanto de caráter individual (JURKEVICS, 2004, p.126).

Na concepção de Jurkevics (2004) é a Renovação a vertente que mais se aproximou das exigências do novo público religioso contemporâneo.

Assim como a TL, que despertou o interesse de vários sociólogos e teólogos, a RCC é a que, recentemente, mais tem mobilizado o mundo do conhecimento científico. Devido ao fato de que tem arrebatado milhares de fiéis antes desligados ou descontentes com a instituição católica. A proposta desta vertente se aproxima daquela oferecida pelo neopentecostalismo, ou seja, mais participativa, contemplativa e animada nos gestos e cantos.

Assim, percebe-se que tanto os adeptos da TL, quanto os adeptos da RCC, coexistem dentro da estrutura da IC, cada qual sua forma e meio de atuação. Todavia, “todos católicos, mas não convida à mesma mesa um católico carismático e um católico de comunidade eclesial de base (Prandi & Souza, 1996)”. Segundo o autor, mesmo quando se nasce e se pratica a doutrina católica é provável que mesmo sem sair da própria religião, o fiel possa ser adepto de concepções absolutamente divergentes.

Observando a análise da produção intelectual sobre o catolicismo brasileiro, Sell (2004) vai mostrar que por muito tempo aqui no Brasil os intelectuais fizeram uma sociologia sobre a “decomposição” desta instituição. “A reflexão sobre o catolicismo no Brasil é, de forma predominante, uma sociologia da decomposição” (SELL, 2004, p.85). Na tentativa de criar argumentos contrários a isto, o autor busca identificar os principais elementos que possibilitem percepção o que ele chama de uma “virada mística”, que estaria ganhando corpo e evidencia em na parcela da população católica que se liga a TL.

Para defender esta propensão de “virada mística” constrói um quadro evolutivo do catolicismo brasileiro e faz uma análise contrária aos estudos que tratam do tema sob a ótica de “decomposição”. Para tanto, apresenta a hipótese de uma “recomposição” do catolicismo, mostrando o surgimento e características de *tendências místicas* no interior do catolicismo. De acordo com Sell (Ibid.), haveria uma mudança ocorrendo no interior da teologia da libertação, criando, por assim dizer, um novo modo de ser e estar, dentro do catolicismo brasileiro:

Desta forma, partimos da premissa de que o tema da mística não é apenas uma questão a mais, que apenas acrescenta um novo conteúdo ao arsenal metodológico já construído por esta teologia. Trata-se, a nosso ver, de uma temática que traz profundas implicações para a estrutura teórica da teologia da libertação e, especialmente, para o modo como ela se insere no contexto do campo religioso e do campo social (SELL, 2004, p.122-123).

Se de fato está acontecendo ou não uma “*virada mística*” dentro do catolicismo brasileiro, ou como afirma Sell uma “recomposição” do catolicismo por intermédio dos adeptos da TL, não se pode afirmar. O que se pode, contudo, é questionar se existindo está “*virada mística*” dentro do catolicismo, ela iria conduzir a IC para uma aproximação ou para um afastamento da pluralidade religiosa tão em evidência atualmente?

Com relação a diversidade religiosa, os dados estatísticos mostram que, no fim do século XX, se encontrava um enorme crescimento do Pentecostalismo e também uma considerável diminuição no número de católicos romanos. Os estudos de Campos (2008), entre outros aspectos, avança que a partir dos anos 80 o surgimento de novas formas de comunicação em massa modifica o jeito das pessoas se comunicarem e de se articularem. Esse novo comportamento reflete no campo religioso que acaba sendo afetado e modificado. Trazendo alguns registros que foram levantados a partir dos números apresentados pelo censo brasileiro, mostra-se o quadro da diversidade religiosa dentro do território nacional.

Porém, o relatório do IBGE (2003:47) registrava: “... a diversidade religiosa brasileira tem crescido

muito nas últimas décadas, e as informações censitárias permitiram identificar a maior pluralidade religiosa no Brasil” (CAMPOS, 2008, p.18).

A pluralidade religiosa provoca uma competição entre as instituições religiosas e, neste movimento, não é somente o crente que muda de credo, mas também as religiões que vão buscar se renovar e procurar garantir à manutenção e a arregimentação de fiéis. (JURKEVICS, 2004).

2.2. CATOLICISMO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

Quando se fala em cooperação, auxílio, partilha entre as pessoas, sempre se encontram vários enunciados para conceituar tal ação, assim como são diversos e diferem entre si, os conceitos e entendimentos sobre a ação de colaboração mútua, muitos também são os meios e as formas de agir nesta esfera.

Na definição das Nações Unidas, "o voluntário é o jovem ou o adulto que devido a seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social, ou outros campos". Ou ainda, considerando as diferentes visões acerca do voluntariado que se detecta na sociedade contemporânea, temos os que defendem a ideia de que o voluntariado é um fenômeno de caráter assistencialista, associado ao senso religioso e que visa ao alívio de consciências culpadas. Também, existe aqueles que julgam a ação voluntária como um ato de autopromoção e vaidade.

Nesta ótica, outra perspectiva percebe que o voluntariado está sofrendo alterações e, por isso, essa vertente assistencialista vem sendo abandonada e substituída por determinações éticas que passam a ser desenvolvidos em torno dos conceitos de solidariedade e de organização da sociedade civil, dentro do que se convencionou denominar Terceiro Setor ou ainda de Responsabilidade Social e a Responsabilidade Social Empresarial. Também, entre os motivos que mobilizam em direção ao trabalho voluntário, existe um elemento de cunho pessoal, a doação de tempo e esforço como resposta a uma inquietação interior que é levada à prática, e outro elemento de cunho social, que acontece pela tomada de consciência dos problemas ao se enfrentar com a realidade, levando para uma luta travada a partir de um ideal ou por comprometimento com uma causa.

Por outro lado, temos que na IC esta ação esteve sempre presente e foi denominada caridade. Todavia, no que diz respeito ao entendimento sobre esta ação e a sua finalidade já não se pode dizer a mesma coisa, disso falaremos um pouco mais adiante.

Nesta perspectiva, a análise de Gomes (2000) sobre a influência da religião em nosso país e seus poderes, mostra que a igreja, na época do descobrimento do Brasil, foi de suma importância para o momento vivido, haja vista ser a religião oficial do Estado, e que pelo envio de missionários europeus para as terras descobertas recentemente, objetivando fundar escolas e converter os índios aqui existentes, acaba por ser fundamental na legitimação do poder estatal. Mostra que ao se tentar empreender ou recompor a trajetória dos caminhos trilhados pelas iniciativas de caráter filantrópico no Brasil iremos encontrar no início de sua existência, indícios que remetem a IC e seu papel como organizadora da sociedade:

(...) onde quer que encontremos, nos primeiros séculos da colonização, organizações encarregadas da assistência social, do ensino, da saúde, encontraremos a igreja — com o mandato do Estado — na sua promoção (LANDIM 1993, p. 13 *apud* GOMES, 2000, p.5).

Para Henrique (1995), desde o momento em que Roma declarou o cristianismo como religião oficial por ocasião da conversão de seu imperador, Constantino, a fé cristã se consolida e dá um novo rumo às relações sociais da época. Com isso, a caridade passa a ser vista não só como uma questão e prática de ajuda material, mas agregava a partir daí em sua dinâmica a ajuda espiritual. Ao longo dos anos, a caridade católica se espalhou por hospitais, leprosários e orfanatos.

Ainda hoje, em Florianópolis, pode-se testemunhar o reflexo deste movimento. Temos a Irmandade do Senhor dos Passos, construída no ano de 1764, com o intuito primeiro de obras de misericórdia para com indigentes enfermos. Além disso, a partir do ano de 1787 passa a ser o atual Hospital de Caridade de Florianópolis.

Partindo do pressuposto de que a filantropia ou caridade está presente no contexto da maioria das religiões, apresentamos o que Anjos (2008) fala sobre as pastorais católicas:

Esse trabalho gratuito ou “voluntário” é fundado no desinteresse material e definido em relação à atividade econômica, que exige ação “estratégica”

para a obtenção de ganhos materiais. Ao mesmo tempo, implica na adesão a valores como a “solidariedade”, o “amor à humanidade” ou ao “próximo” (ANJOS, 2008, p. 511).

Para a concepção católica sobre a caridade, os documentos da instituição são fonte profícua de recomendações, tipos, modelos, modos e público para este fim. O parágrafo 2447 do Catecismo da Igreja Católica (CIC) que elucida sobre as obras de misericórdias, “as *obras de misericórdia* são as ações caritativas pelas quais socorremos o próximo em suas necessidades corporais e espirituais”, ou na publicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), *Sou Católico Vivo a Minha Fé* (2014) que lembra que

O serviço da caridade e da justiça é exigência fundamental na ação evangelizadora da Igreja. E dá continuidade à de Jesus. Por isso a ação dos católicos no campo social, animada pela fé da Igreja, torna-se verdadeira ação evangelizadora, pois ela testemunha a atualidade e a força transformadora do Evangelho para o mundo (CNBB, 2014, p. 122).

As citações citadas buscam esclarecer as mensagens do messias católico, filho de Deus, Jesus de Nazaré. Nas palavras de São Paulo, um de seus doze apóstolos, temos que: “agora, portanto, permanecem a fé, esperança, caridade, estas três coisas. A maior delas porém, é a caridade” (1 Coríntios 13,13), Bíblia de Jerusalém. Em conformidade com outro trecho que encontramos nos escritos bíblicos falando sobre a caridade tem-se que “a caridade não pratica o mal contra o próximo. Portanto, a caridade é o pleno cumprimento da lei.” (Romanos 13,10).

Outra fonte bastante consultada e legitimada pelos fiéis católicos são as palavras do pontífice atual Papa Francisco, que escolheu ser chamado por este nome em uma alusão a São Francisco de Assis, o conhecido santo dos pobres. Neste sentido, o pontífice afirma: “como eu queria uma Igreja pobre, e para os pobres” e reforçando aos seus fiéis no que consiste a vida de um verdadeiro cristão, pondera que “são essenciais, na vida cristã, a oração, a humildade, a caridade para com todos: este é o caminho para a santidade”.

Nesta vertente, encontra-se a PPI, uma vez que a pastoral utiliza o método de ação com base evangélica que se encontra no texto bíblico da multiplicação dos pães e peixes (Marcos, 6, 34-44). Em vez de

multiplicar peixes e pães, organiza a comunidade para multiplicar os conhecimentos científicos e a solidariedade com os idosos.

Sobre a atualidade da caridade cristã, temos que a IC inserida no contexto social foi sofrendo a influência da mutação própria do universo mundano. Os reflexos de diversos momentos e crises governamentais, econômicas e individuais que permearam o mundo definiram também o caráter da caridade cristã. Como não é o objetivo deste trabalho entrar nesta seara, os escritos de Moniz (2015), que de fato se debruçou sobre o tema da caridade cristã, traz uma ideia sobre alguns momentos e implicações da mutação desta caridade.

A investigação diacrônica proposta por Moniz (2015) percorre o período que compreende os inícios da era cristã até a contemporaneidade. Em suas inúmeras fontes primárias, como as sagradas escrituras ou os primeiros textos patrísticos, e os documentos mais atuais da IC. Faz referência ao prêmio de direitos humanos que reconhece e distingue, anualmente, o alto mérito da atividade de organizações não-governamentais que contribuam para a divulgação ou o respeito dos direitos humanos, no país e no exterior, que foi conferido *Caritas*, um organismo da IC, em Portugal, assim descreve as mudanças acontecidas na caridade cristã, vejamos:

Tal como observámos ao longo da nossa pesquisa, a caridade cristã também não desapareceu, apenas se deslocou e adaptou às novas condições históricas e ao incessante fluir dos acontecimentos que incidem no desenrolar da vida dos indivíduos e das sociedades. O conceito de caridade e o seu exercício mudam e mudarão sempre consoante os tempos e os lugares (Fonseca, 2011, p. 10). Contudo, mantêm e manterão uma firmeza de princípios que, não fazendo delas ensinamentos rígidos ou inertes, lhes permite abrir às novas realidades do mundo, sem se desnaturar nelas (MONIZ,2015, p.66).

Esta percepção de Muniz corrobora aquilo que ele mesmo já havia encontrado em outros estudos, “(...) a modernidade não conseguiu extinguir a religião (Moniz, 2012, pág. 5-6) pelo contrário (MONIZ, 2015, p. 65).

A IC, atualmente na pessoa do Papa Francisco, é conclamada a agir em caridade com o meio ambiente. O documento lançado em maio deste ano, *Laudato Si (2015)*, procura sensibilizar os católicos sobre

necessidade de dispensar um olhar caridoso para a natureza como que para um irmão necessitado. Para tanto, cita como exemplo São Francisco de Assis, santo conhecido por seu amor pela natureza. Se refere ao sol, ao lobo, ao vento e toda a natureza em si como seus irmãos, aludindo que todos, sem exceção, são obras das mãos de Deus.

O Papa Francisco reforça que todas as pessoas, católicas e não só as católicas, devem agir com caridade junto à pessoa humana, mas de forma toda especial nos tempos atuais e momento específico, em que segundo a IC, a mãe terra geme em dores de parto. A partir deste contexto, faz um apelo a todas as pessoas do mundo,

O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum (LAUDATO SI, 2015, p. 231).

Nestes termos, fica a pergunta: Será esse é o começo de um novo momento de transformação no aspecto da caridade cristã? Fica aqui a sugestão de uma análise mais específica sobre este tema.

2.2.1. A Pastoral Da Pessoa Idosa (PPI)

A Pastoral da Pessoa Idosa foi pensada no ano de 1993, em um encontro da Dra. Zilda Arns Neumann – Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança, e Dr. João Batista Lima Filho – Médico geriatra e, na época, Presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, seção Paraná. Deste encontro emergiu a necessidade e o desejo de informar e cuidar da população idosa brasileira nos moldes do que já acontecia com boa parte das crianças carentes do Brasil.

A ideia de um trabalho conjunto em prol das pessoas idosas foi desenvolvido através das seguintes etapas e atores. Nos anos de 1994 e 1995 foi elaborado o manual “De Bem com a Vida”, de autoria de Dr. João Batista Lima Filho e de Sophia Sarmiento, o qual serviu de base para desencadear o processo de formação dos líderes comunitários. Material que possuía o conteúdo científico sobre o envelhecimento e os cuidados com as pessoas idosas, produzido em uma linguagem simplificada e acessível às pessoas da comunidade.

Já em 1996, foram dadas as três primeiras capacitações, nelas participaram todas as Dioceses do Paraná. Nasceu, neste ano, um programa complementar na Pastoral da Criança, chamado “3ª Idade na Pastoral da Criança”, com o apoio do Governo do Estado do Paraná.

Em 1997 e 1998 se definia a forma do programa, utilizando a mesma metodologia da Pastoral da Criança. Isto é, capacitar líderes comunitários para multiplicar o saber e a solidariedade junto aos idosos e seus familiares, os quais seriam os indicadores de acompanhamento. O projeto-piloto foi desenvolvido no Estado do Paraná.

A metodologia sendo a mesma da Pastoral da Criança tem como base evangélica o texto da multiplicação dos pães e peixes. Em vez de multiplicar peixes e pães, organiza a comunidade para multiplicar os conhecimentos científicos e a solidariedade com os idosos. Após a testagem do material educativo, dos indicadores, da metodologia, o programa iniciou, naquele ano, sua expansão. Capacitando a primeira turma fora do Estado do Paraná. A capacitação foi feita em João Pessoa, na Paraíba, em 1999, e foi de grande importância para as pessoas idosas, pois se comemorou o “Ano internacional do Idoso”. Outro fato de grande importância foi a “Carta aos Anciãos” do Papa João Paulo II.

Outro momento em que a IC acaba pensando e se envolvendo com a questão do envelhecimento populacional, foi no ano 2000, quando surge a proposta de uma Campanha da Fraternidade voltada às pessoas idosas. Dom Aloysio José Leal Penna, Presidente do Conselho Diretor da Pastoral da Criança, em conversa informal dizia que “se o ‘Programa 3ª Idade da Pastoral da Criança’ quiser crescer, convém solicitar à CNBB que lance uma Campanha da Fraternidade com o tema idoso”.

Assim foi feito, a Dra. Zilda Arns escreveu uma carta a todos os Bispos e coordenadores estaduais e diocesanos da Pastoral da Criança, acompanhada de folhas para abaixo-assinado, solicitando a realização de uma Campanha da Fraternidade com esta finalidade. Chegaram à sede da CNBB em Brasília milhares de folhas de abaixo-assinado. Naquele ano, o programa deu um grande salto, segundo o sistema de informação, e a cada ano a evolução foi notória. A abrangência do “Programa 3ª Idade na Pastoral da Criança”, no ano de 2000, atendeu 19.758 idosos em 12 Estados. Em 2004, o número de atendidos era de 34.175 idosos em 24 Estados da federação.

No ano de 2003, concomitante a promulgação da Lei nº10.741, de 1º de outubro de 2003, nasce o Estatuto do Idoso, em vigor a partir do dia 1º de janeiro do ano seguinte. Nesse contexto, é feita a Campanha da

Fraternidade com o tema: “Fraternidade e as Pessoas Idosas” e o lema: “Vida – Dignidade e Esperança”.

A Fundação da Pastoral da Pessoa Idosa ocorre no ano seguinte, em 2004, como gesto concreto da Campanha da Fraternidade do ano anterior. Os Bispos aprovaram a criação da Pastoral e designaram a Dra. Zilda Arns Neumann para organizar e coordenar esta nova Pastoral por um período de 3 anos.

De acordo com o Estatuto da Pastoral da Pessoa Idosa, no inciso VIII do artigo 2º reza: “Incentivar a criação e participação nos conselhos de direitos do idoso em todos os níveis”. Assim sendo, é importante dizer que a PPI tem assento com titularidade no Conselho Nacional de Direitos do Idoso, em alguns Conselhos de Direitos do Idoso nos Estados e está presente em muitos conselhos municipais.

Em diversos municípios, a Pastoral da Pessoa Idosa participa da fundação dos Conselhos de Direito do Idoso. Com inscrição no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) recebeu o Título de Utilidade Pública Municipal, Estadual e Federal e foi inscrita no Conselho Municipal e Nacional de Assistência Social. A PPI também é parceira para a construção da Rede Nacional de Apoio e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa (Renadi), tema tanto da 1ª (2006) quanto da 2ª (2009) Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa. Está presente em 26 Estados, 174 dioceses, 1.239 paróquias em 5.005 comunidades de 826 municípios brasileiros. O trabalho pastoral é feito por 19.776 líderes comunitários capacitados que acompanham 175.976 pessoas idosas e 140.282 famílias

Atualmente, em Florianópolis, a PPI faz um trabalho voluntário e ecumênico que visa promover o desenvolvimento físico, mental, social, afetivo, espiritual, cognitivo e cultural das pessoas idosas. Ainda, capacitar pessoas da Comunidade como agentes comunitários para acompanhar, informar e orientar idosos e seus familiares, através de visitas domiciliares periódicas e outras ações coletivas. A Pastoral vem atuando em 20 Comunidades de Florianópolis, contando com 05 coordenadores e 59 líderes, devidamente capacitados, orientados e organizados para realizar as visitas (média de 10 idosos/mês) e monitorar e acompanhar os idosos identificados (principalmente os acamados) a partir de 08 indicadores: atividades físicas; ingestão de líquidos; vacina anual contra gripe; vacina contra pneumonia a cada 05 anos; prevenção de quedas; identificação de incontinência urinária; encaminhamento aos serviços de saúde; identificação de pessoas idosas dependentes. Atualmente são atendidas, através de visitas, 169 famílias na grande Florianópolis, dentro deste universo de famílias atendidas

existe um número de 188 pessoas idosas assistidas de acordo com as diretrizes mencionadas.

3 OUVINDO AS COORDENADORAS

Segundo Moraes (1999), a análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo seja de documentos, seja de textos e outros, onde se devem observar as condições que são necessárias para que se possa alcançar o objetivo pretendido. Por isso,

Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (MORAES, 1999, p.02).

Ressalta ainda a importância de categorizar a comunicação a ser analisada. Logo, é importante considerar o objetivo da pesquisa e lembrar as diversas formas de categorização que se voltam à análise de conteúdo. Argumenta que ao longo dos anos, têm sido utilizadas seis categorias as quais devem sempre estar pautadas pelos aspectos intrínsecos da matéria prima da análise do contexto a que as pesquisas se referem e das inferências pretendidas.

Desta forma, ao apontar as categorias assevera que “esta classificação se baseia numa definição original de Laswell, em que este caracteriza a comunicação a partir de seis questões” (MORAES, 1999, p.04). Corroborando isto, Campos (2004) entende a análise de conteúdo como

Um método muito utilizado na análise de dados qualitativos é o de análise de conteúdo, compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento. (CAMPOS, 2004, p.601).

De acordo com Moraes (1999) é necessário definir a categoria da comunicação a partir de: Quem fala? Para dizer o quê? A quem? De que modo? Com que finalidade? Com que resultados? Tal linha de pensamento viabiliza categorizar os objetivos da análise de conteúdo de acordo com a orientação que se toma em relação a estas.

Colocada algumas opções possíveis para a caracterização da análise de conteúdo na concepção de Moraes, entendemos que uma das partes importantes de nossa análise será identificar o agente, uma vez que o objetivo de nossa pesquisa é compreender o sentido subjetivamente visado da coordenadora da PPI. Assim, é deveras importante analisar o que pensa e como pensa, como e por que age na PPI.

Por conseguinte, optamos pela seguinte categoria:

Uma Análise de Conteúdo orientada a “*quem fala?*” visa a investigar quem emite a mensagem. Este estudo, naturalmente será efetuado a partir da mensagem, a partir da qual se procurará determinar características de quem fala ou escreve, seja quanto à sua personalidade, comportamento verbal, valores, universo semântico, características psicológicas ou outras. Neste caso de certo modo, avança-se a hipótese de que a mensagem exprime e representa o emissor. Frente a este objetivo faz-se inferências do texto ao emissor da mensagem (MORAES, 1999, p. 4).

Esta seção tem como prioridade apresentar o resultado do trabalho realizado na fase de campo da pesquisa. Pretende-se conceder a palavra aos coordenadores da PPI, ou seja, ouvir os coordenadores. Pela sintetização e/ou caracterização dos questionários buscou-se estabelecer uma relação com o referencial teórico, visando responder ao problema de pesquisa. Busca-se depreender os sentidos da ação social, qual seja o de evidenciar distintas racionalidades mobilizadas pelas coordenadoras. Alguns elementos da sociologia weberiana serão mobilizados a fim de possibilitar o exercício da análise do conteúdo, para apresentar o perfil sociopolítico das coordenadoras, captar as impressões acerca de questões religiosas, da doutrina da IC e do trabalho desenvolvido por elas junto a PPI.

3.1 PERFIL SOCIOPOLÍTICO: CONHECENDO AQUELE QUE FALA

As coordenações estão subdivididas em coordenação paroquial, arquidiocesana e estadual e o espaço geográfico de cada instância respectivamente é o bairro sede da paróquia, as cidades agrupadas e o território estadual catarinense.

A função de coordenadora Estadual compreende divulgar o trabalho da PPI junto a todas as Dioceses do Estado de Santa Catarina, animando-as para o trabalho. É sua função, ainda, inscrever a PPI nos Conselhos estaduais dos direitos da pessoa idosa, de saúde e de assistência social, bem como capacitar novos multiplicadores e promover encontros com as coordenações diocesanas.

Já a coordenadora Arquidiocesana foca seu trabalho de forma regionalizada (aquí abrange Garopaba até Brusque), além do contato direto com o padre para a implantação da PPI nas paróquias. Também, tem a função de capacitar e acompanhar líderes para o trabalho direto junto aos idosos e, posteriormente, recolher os dados colhidos pelos líderes e passá-los adiante.

Quanto à coordenadora Paroquial, atua preferencialmente em sua comunidade, acompanha líderes e os atualiza e orienta conforme preconiza a PPI, em alguns casos pode também capacitar outros líderes.

Dentro do grupo de coordenadoras que fazem parte desta pesquisa, temos três delas que ocupam os espaços paroquiais, uma na posição de coordenadora da Arquidiocese de Florianópolis e outra na condição de coordenadora estadual. As paróquias compreendem a paróquia do Ribeirão da Ilha, a paróquia dos Ingleses e a paróquia da Santíssima Trindade, todas pertencentes à cidade de Florianópolis. A coordenadora arquidiocesana da PPI, por sua vez, reside na cidade de Garopaba e a coordenadora estadual reside na cidade Joinville.

Importante destacar que a escolha por esta gama de coordenadoras se dá por uma questão de acessibilidade, tempo e distância geográfica para a coleta das informações, uma vez que pelo contato próximo com uma das coordenadoras se facilitou o acesso às demais.

Começamos por observar que embora o estudo se prenda a cidade de Florianópolis, no cotejamento das cidades de origem destas coordenadoras assevera-se a presença de outras cidades, como a do estado vizinho Rio Grande do Sul, ou ainda da cidade de São Paulo e de Joinville, não havendo nenhum registro de coordenadoras se referindo a cidade de Florianópolis como cidade de origem. Outro ponto a considerar, é o fato de unanimidade do gênero feminino na coordenação desta ação pastoral, condição já apresentada no início deste capítulo.

A maioria das coordenadoras menciona ser casada, o que parece convergir para a realidade das pessoas que atuam em outras posições dentro da PPI, como as líderes, por exemplo. Pois, quando se questiona sobre uma possível diferença no trabalho desenvolvido por homens e mulheres dentro da PPI, é unânime a negativa. Essa negativa é

justificada pela atuação conjunta do casal, alcançando a maioria das respostas. Considerando que outras condições de estado civil foram mencionadas se deixa claro, evidentemente, que não se toma a conclusão acima como fato, pois apresenta ainda o motivo da diferença de características próprias de cada pessoa e do carisma.

Quando se observa o grau de escolaridade obtém-se uma maioria com nível superior incompleto, pós-graduação e só uma coordenadora respondeu ter nível secundário completo. Isso, a nosso ver, tem um reflexo direto na ocupação profissional, pois temos uma resposta para a atividade doméstica, ficando as demais atividades divididas entre o ramo artístico, contábil e pensionista.

3.2 PERFIL RELIGIOSO: QUAL O TIPO DE CATÓLICO

No que tange o perfil religioso das coordenadoras, observamos que existe a predominância da religião católica. Entretanto, a denominação cristã aparece em uma das respostas. Ressaltamos aqui que a religião professada pelos pais destas coordenadoras é a mesma daquela confessada por suas filhas, respectivamente, e que a professam desde o nascimento. O repasse da doutrina, da prática e da crença na fé geralmente acontece nos primeiros momentos por intermédio dos pais.

Na IC, por exemplo, é um dos preceitos de seu magistério, conforme encontra-se no CIC em seu parágrafo 2226:

A educação para a fé por parte dos pais deve começar desde a mais tenra infância. Ocorre quando os membros da família se ajudam a crescer na fé pelo testemunho da vida cristã de acordo com o Evangelho. Catequese familiar precede, acompanha e enriquece as outras formas de ensinamento na fé. Os pais têm a missão de ensinar aos filhos a orar e a descobrir sua vocação de filhos de Deus (CIC, 2226).

Quando questionadas sobre um possível momento de conversão em suas vidas. As respostas para esta pergunta mostraram que não houve este momento, haja vista as respostas expressarem de forma direta a negativa e, pela falta de um indicador de ruptura. O que se observa antes é a ideia de linearidade, que a nosso ver, mostra mais uma congruência entre níveis diferentes de entendimento sobre a religião praticada, como se pode observar nas respostas que seguem: *“Acredito que estamos sempre convergindo para Deus, às vezes nos distanciamos*

outras nos aproximamos” (Coord.01). Ou nesta outra resposta com tom de crítica: “*Conversão em que sentido? Conversão a quê?*” (Coord. 05).

Na ausência de um elemento que sinalize para uma alteridade religiosa, na caminhada pessoal e espiritual das coordenadoras, se observa uma constância e uma perpetuação da crença e práticas religiosas, fruto da experiência vivida anteriormente no contexto familiar destas coordenadoras.

Partindo para outra questão, entramos na unanimidade da liderança que reside no gênero feminino. Fato que em nada se mostra inovador, uma vez que é possível encontrar vários estudos que tratam deste tema. É na considerável incidência e constância deste tipo de liderança, junto aos estudos que abordam o campo religioso, como é o caso do estudo em lide, que a presença feminina é percebida junto às associações e pastoral.

Levantamos em nossa pesquisa que as coordenadoras veem o papel da mulher nos trabalhos dentro da IC como muito relevante e fundamental; porém criticam a falta de reconhecimento e valorização da IC quanto ao trabalho desenvolvido por elas. A crítica se refere ao fato de não serem reconhecidas e valorizadas pela sua condição de gênero.

Buscando saber um pouco mais sobre a pessoa que fala, quando se questiona as coordenadoras sobre o que é ser católica para elas, observa-se nas respostas um forte direcionamento para o *asceticismo intramundano*, tema já aclarado em capítulo anterior. A maioria das respostas trazem vestígios nítidos desta ideia: “*É viver minha fé, assumindo a minha missão a que fui chamada*” (Coord.04). Ou em outra resposta: “*É ser comprometido com Deus ao assumir nosso batismo*” (Coord.01).

As palavras *missão, assumir e ser* são literalmente expressos nas respostas, convergindo em nosso entendimento, de forma direta, para a ideia de uma *vocação* que é consequência de uma ordem doutrinária, como se observa na afirmação: “*Seguir a doutrina*” (Coord.02). Os elementos destacados nas respostas vão conduzir a análise para a percepção de uma vida religiosa ativa, voltada para uma missão pessoal e intransferível dentro do mundo.

Logo, o que se pode depreender das respostas sobre o que é ser católica, é que elas convergem para uma ação transformadora no mundo secularizado como uma missão. Considerando que a agência por si só não tem valor, senão que esta seja capaz de produzir rupturas para transformar a realidade mundana. O objetivo desta ruptura é de aproximar a realidade mundana com a desejável ideia de um paraíso

aqui, mas não agora, no sentido escatológico cristão: *“A exemplo de Jesus Cristo, acredito que esse trabalho proporcione vida, e vida em abundância a todas as pessoas (Jo 10,10)”* (Coord.03).

Desta feita, quando se articula o entendimento das coordenadoras sobre a questão de que a religião católica por si só não salva, ela é antes um meio, que pode levá-las a ser uma pessoa melhor, segundo resposta que segue: *“sim a religião é o religar com o ser superior, quando consciente, bem direcionado, faz bem a todos. Eu me sinto sempre evoluindo para melhor”* (Coord.03). Com o entendimento de que a crise não reside nas religiões, mas no ser humano, como reflexo da complexidade do mundo atual, permite-nos supor que a busca por uma experiência transcendente está em uma via de mão única.

Esse trabalho individual está no embate de caminhar na contramão do relativismo mundano: *“Não necessariamente, mas se você busca viver o que Jesus ensinou, com certeza buscará ser um a pessoa melhor”* (Coord.04). Esta dinâmica de uma religião mais personalizada e intimista a nosso ver, parece exercer sua lógica quando a conectamos com a análise feita sobre as respostas das coordenadoras a respeito da RCC, e aí diferentemente da resposta anterior, o que se evidencia é o aspecto do *misticismo intramundano*: *“Valoriza a experiência com o sagrado e da emoção a vida eclesial. Inspirada na “teologia das fontes” com uma leitura toda particular e com reflexos na liturgia e nas regras disciplinares”* (Coord.01). Ou nesta: *“Faço parte deste movimento e penso que ajuda muito pessoas a encontrar-se com Deus”* (Coord.04).

Já nas respostas sobre a TL, em nossa concepção temos uma conotação que converge para uma atividade que se realiza especificamente no campo social, junto ao povo, como se observa: *“Não tinha o Espírito do Concílio Vaticano II, base de Espiritualidade. Seu foco era política e o social”* (Coord.01). Também, apontam que *“Surgiu na América Latina como reação a uma época de governos autoritários e opressores. Foi uma época de renascimento da voz profética da igreja, que influencia até hoje a teologia popular”* (Coord. 05).

Quando se compara as respostas das coordenadoras a respeito da TL com as respostas sobre um envolvimento ou não, da igreja com a política, encontramos certa complementação, uma torna-se extensão da outra. Os elementos nas duas respostas que caminham na mesma lógica de pensamento, ou seja, pontuam ora para os *problemas sociais* ora para a voz profética, como se evidencia: *“Sim! Justa e profética deve usar a palavra para denunciar as injustiças, a politicagem. Não deve ficar neutra diante da desigualdades sociais tão gritante em nosso país”* (Coord.01).

Entretanto, com relação especificamente as respostas que dizem respeito a TL percebemos uma dificuldade de entendimentos e de definição da mesma: *“Não tenho conhecimento! (A palavra libertação, nos dias atuais já anda tudo liberado que do respeito existe apenas a palavra)”* (Coord.02).

Assim sendo, depreendemos que quando as coordenadoras dizem que a religião católica é antes um meio para o seu crescimento e para transformá-la em uma pessoa melhor, parecem ir ao encontro da RCC, mostrando da melhor forma o que as coordenadoras expressam. Por outro lado, falando da ação junto a PPI propriamente dita, encontramos um considerável direcionamento para o *asceticismo intramundano*, o que em nossa ótica converge mais para a TL.

Em outro momento, quando perguntadas sobre o que pensam dos católicos tradicionalistas, denotamos que estes são vistos como aquele se pautam em uma doutrina, e que por ela se deixam conduzir, pois esta doutrina é capaz de regular e ordenar suas vidas, como temos em parte da fala: *“(...) Adere às lições e formas do passado para o desenvolvimento orgânico da vida social”* (Coord.01). Os católicos tradicionalistas expressam sua fé através das celebrações de piedade popular: *“Tradição para mim é manter cultuando os costumes (...) das celebrações em datas importantes, em rituais na missa e festejos como do padroeiro da paróquia”* (Coord.02).

Além disso, o tradicionalismo é citado e visto como estático e por isso incompatível com as mudanças de contexto e com a dinâmica da vida moderna, conforme observamos *“(...)quanto aos rituais, estes permanecem, mas a vivência é sempre dinâmica”* (Coord.03).

Por conseguinte, quando perguntadas a respeito de uma IC conservadora, as coordenadoras coadunam com a visão de que a IC não é conservadora. Neste momento encontram-se elementos que apontam novamente na direção de uma doutrina ordenadora: *“a igreja permanece firme naquilo que acredita, na doutrina da fé, as mudanças acontecem quando necessário”* (Coord.03) ou ainda *“Não, se você estudar os documentos da igreja”* (Coord.04). As coordenadoras da PPI também apresentam uma rejeição com relação à missa em latim, ressaltando como importante o entendimento do significado da liturgia e a participação ativa na mesma.

O que nos chamou a atenção foi a articulação de outro elemento nas respostas em relação à igreja ser ou não conservadora, como a que segue *“(...) a igreja caminha para a aceitação dos descasados”* (Coord.03) ou nesta fala *“(...) mas o Papa Francisco já mencionou sobre o perdão aos fiéis, então poderiam comungar novamente na*

questão do segundo casamento” (Coord.02) e ainda “Não! Já foi mais no passado, agora está abrindo ao novo” (Coord.01). Desta forma, o que se depreende daí é que, quando as coordenadoras articulam a moral religiosa ligada ao novo papado, observa-se um entendimento de uma instituição flexível.

Observamos também que não obstante ser hegemônica e consensual por parte das coordenadoras da PPI, que a IC não deve jamais mudar sua doutrina: *“As verdades essenciais da fé dada pelo Magistério da Igreja” (Coord.01) e ainda “nas questões da fé, por exemplo, a ressurreição” (Coord.03), nota-se que quando se trata da moral católica, sendo articulada em paralelo com a pessoa do Papa, acaba por ser mobilizada para mostrar a flexibilidade, e a verdade da igreja, para a vida em sociedade.*

Ao expressarem as possibilidades de mudança por parte da IC encontramos nas respostas a sugestão para o fim do celibato e a liberação da ordenação feminina; contudo, a sugestão desta mudança é posição de uma coordenadora que não professa a fé católica, o que pode ser um indicador que estas questões não sejam tão urgentes para as católicas questionadas. Para outras possíveis mudanças cogitadas dentro da IC acabam sempre sendo articuladas através da reiteração da pessoa do Papa: *“Papa Francisco já dá indicação de que a igreja seja mais servidora, acolhedora e profética...” (Coord.01).*

Assim, guardada as devidas proporções, podemos denotar a existência de um fator preponderante, que quando articulado em paralelo aos elementos: *doutrina e moral católica* é capaz de produzir uma modificação das regras no entendimento das coordenadoras. O fator preponderante em nossa ótica reside no papado atual, que parece ser dotado de um carisma weberianamente falando, fato pelo qual o identificamos como elemento ambivalente nesta pesquisa. Na ótica das coordenadoras a pessoa do Papa Francisco, corroborar a visão observada anteriormente, de um *líder iluminado*, “com capacidades mágicas, revelações ou heroísmo, poder do espírito e do discurso” (WEBER,2014, p.160), capaz de modificar pensamentos e ações dos féis da IC, na medida em exerce uma *dominação carismática*. Assim, insistimos na condição de ambivalência deste Papa e a apresentaremos mais adiante.

Analisando a questão sobre a participação da IC na esfera política, a maioria das respostas dizem sim, a este envolvimento e, se ligam diretamente com a questão do problema social. Esta visão é colocada na necessidade de respostas por parte da instituição católica, como segue: *“A igreja católica deve ter uma opinião formada e*

verbalizá-la em assuntos políticos que possa interferir na fé católica” (Coord.04).

Há ainda as respostas que sinalizam para uma ação mais voltada e ligada para a ideia de *missão*, sugerindo eventuais envolvimento da IC nos desafios sociais que se apresentam na contemporaneidade. Remontando assim ao *ascetismo intramundano*, que já foi mencionado em outro momento. Essas respostas vão apresentar elementos de um *fazer* transformador da realidade, vejamos:

“Todas as pessoas batizadas na fé cristã tem o compromisso com a vida. Tudo que envolve a promoção da vida, justiça, dignidade, igualdade de direitos e oportunidades, é compromisso de cada pessoa cristã. E a política faz parte da nossa vida em sociedade. Portanto não temos como não nos envolver” (Coord.05).

Podemos dizer que apesar de partirem de pontos de vistas diferentes, as coordenadoras concordam com a atuação da IC na esfera política.

3.3 PPI E MOTIVAÇÃO RELIGIOSA

Iniciando a análise temos que as coordenadoras entendem ser diferente o trabalho desenvolvido com o idoso dentro da IC em relação ao trabalho que o governo desenvolve. Para as coordenadoras este visa o bem-estar social e aquele, cuida do lado espiritual. É importante perceber que nas respostas a respeito dos pontos positivos do trabalho da PPI junto aos idosos e de sua principal contribuição, aparece fortemente à propagação e o resgate dos direitos sociais, que proporcionam uma melhora na condição de vida dos idosos, como se observa: *“Sim, porque levamos a eles orientações para melhorar sua qualidade de vida. Coletamos informações que são repassadas para área da saúde e direitos” (Coord.04).*

Também se percebe uma considerável incidência na participação de cursos de aperfeiçoamento e conhecimento na área de programas sociais e políticos por parte destas coordenadoras: *“Curso de capacitação da PPI, Curso de Cuidador de Idoso, Curso de Conselheiro promovido no Conselho Estadual do Idoso, Capacitação programas Com maior Cuidado e Segurança Viária para Idosos da Fundação Mapfre, palestras sobre Idosos promovidos pela OAB, em outubro a*

*nacional da PPI promove uma oficina de atualização do novo guia do líder para coordenadores e capacitadores.”(Coord.02). Situação que se liga ao consenso por parte das coordenadoras de que a IC acaba assumindo o papel dos governantes: *Sim quase sempre!*” (Coord.01).*

Continuando nossa análise encontramos a hegemonia por parte do cristianismo e uma mínima incidência de coordenadoras que não confessa a fé católica. Estas coordenadoras são convidadas em sua maioria por outras coordenadoras, pois o convite para novos participantes é uma função inerente a este cargo. O convite para participar da PPI, contudo, pode vir através dos padres, que são vistos por este grupo como facilitadores para a implantação da PPI dentro da paróquia: *“O Padre serve como alguém que apoia e incentiva as pessoas a trabalharem e o leigo desenvolver o trabalho da pastoral”* (Coord.03) e se diferenciam das coordenadoras por sua condição de animador espiritual: *“Nosso pastor (pai) nos orienta na caminhada”* (Coord.01).

Temos ainda que, um número considerável das coordenadoras migrou de outros movimentos dentro da IC, e que muitas vezes conciliam outros trabalhos dentro desta instituição: *“Sim. Participo do Movimento de Cursilho de Cristandade. Atuei 27 anos como catequista na minha Paróquia e participo da PPI desde sua fundação”* (Coord.03).

Por outro lado, quando a hegemonia cristã é confrontada com a redação dos documentos da PPI acaba perdendo espaço, uma vez que o destaque está na ideia de uma pastoral aberta. Isso fica subtendido uma vez que não se vê mencionado o credo religioso e não se encontra a palavra “ecumênica” na redação de seu Regimento Interno. E aqui cabe colocar o que a IC preconiza em seu documento Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo de 1964, e o que acredita que deve ser entendido e vivido por seus fiéis.

Por ‘movimento ecumênico’ entendem-se as atividades e iniciativas, que são suscitadas e ordenadas, segundo as várias necessidades da Igreja e oportunidades dos tempos, no sentido de favorecer a unidade dos cristãos (*UNITATIS REDINTEGRATIO*, 1964).

Desta feita, quando questionamos as coordenadoras se esta pastoral busca a conversão dos idosos seguem estas respostas:

“NUNCA. O principal é o respeito pela pessoa que visitamos, inclusive a sua profissão de fé” (Coord.05). Ou nesta: *“Não! Todos são*

livres para professar sua fé independente de sua ideologia religiosa. PPI é uma pastoral Ecumênica!” (Coord.01).

Assim, a PPI pode ser vista como ecumênica na medida em que isso corrobora as respostas a respeito do objetivo da PPI: *“O objetivo é visitar as pessoas idosas e levar até elas novas perspectivas na área da saúde, direitos e principalmente ouvi-las para sentir-se amadas” (Coord.04).*

A ideia de ecumenismo é reforçada quando se observa que há uma unanimidade na escolha das coordenadoras em trabalhar junto aos idosos, pela condição de fragilidade e exclusão social destes idosos, como segue: *“Escolhi este trabalho porque senti que esta pastoral busca atender pessoas muitas vezes esquecidas e fragilizadas por suas condições de saúde” (Coord.04).* Assim, não se identifica um elemento religioso e ao mesmo tempo se ressalta a condição de fragilidade, da necessidade de reconhecimento e de valorização da condição humana do idoso, bem como de promover e divulgar os direitos civis desta parcela da população. Na fala de uma das coordenadoras: *“Porque eu já fazia um trabalho com pessoas carentes da minha Comunidade. Os idosos foram o que mais me chamaram a atenção, pelo estado de abandono que muitos se encontravam” (Coord.01).*

Estas respostas estão na direção daquelas que apontam não existir diferença entre a caridade realizada por um católico e um kardecista. Compactuando ainda entre si de que a percepção de diferença consiste somente no credo: *“Basicamente acreditamos em doutrinas diferentes, isto não interfere na busca em praticar a caridade” (Coord.04)* ou quando expressam *“Os espíritas são muito caridosos e alguns fazem parte da Pastoral. A diferença se dá na ressurreição e reencarnação. Nós, católicos, sabemos que só Cristo pode nos salvar. Os espíritas veem em Jesus Cristo um espírito de luz, não um Deus e para eles cada um se salva por si mesmo. Essas diferenças são respeitadas, mas não vivenciadas e o trabalho junto com eles pode acontecer.” (Coord.03);* mas sobretudo, nas respostas sobre a diferença de atuação de um ateu na PPI *“Todo trabalho feito com amor, por amor ao próximo é o que importa. Independe de crença ou instituição” (Coord.05).*

Para as coordenadoras qualquer pessoa pode atuar na PPI, uma vez que além de fazer o curso de capacitação de líderes, a única condição para trabalhar é a disponibilidade de tempo, e que por isso, acredita-se não existir em nenhuma pessoa defeitos que a impeçam de atuar na PPI, salvo o preconceito. Porém, esta disponibilidade aparece reforçada por um elemento de caráter religioso, a expressão *missão* e ainda *compromisso com o projeto de Deus*, como se vê: *“A primeira*

condição é desejar se comprometer com o projeto de Deus, de promoção da vida. Depois, fazer o curso de capacitação” (Coord.05).

Analisando outra resposta acerca da caridade católica pela forma como ela se diferencia em muito da ação filantrópica, acaba-se denotando um contraponto entre as respostas expostas anteriormente: *“Caridade está além da filantropia. Caridade é amar o próximo com o Amor de Deus! (Coord.01) ou no aspecto que lembra o amor ao próximo: “Caridade é sentir a dor do outro, sentir a necessidade e colocar-se no lugar do outro” (Coord.03).*

O caráter religioso aparece novamente na medida em que as palavras e expressões: *amor ao próximo, a fé, e o seguimento de Jesus Cristo*, são mencionados como a mola propulsora na maioria pelas coordenadoras para o trabalho do católico junto aos idosos, o diferenciando do ateu o faz por outras razões: *“O católico exerce sua missão alicerçada na fé, não somente baseado nos conhecimentos adquiridos pelo estudo” (Coord.04).* Ressalta-se aqui então uma discrepância entre as respostas.

Além do mais, o trabalho desenvolvido junto a PPI é visto pelas coordenadoras como um verdadeiro *chamado divino*, veja algumas delas: *“Considero, primeiramente um chamado Divino para desenvolver essa missão a nós confiada.” (Coord.04) e ainda “Sim, uma verdadeira e divina missão” (Coord.01).* A visão sobre o trabalho desenvolvido com a pessoa idosa ainda é diferenciado quando estas coordenadoras entendem que este trabalho faz parte de sua vocação: *“Sim. Toda vocação é um chamado. Portanto, trabalhar com idoso é uma vocação. Quem não se sentir chamado não consegue trabalhar com pessoas idosas” (Coord.03).*

Por intermédio desta dinâmica de pensamento é operado também o entendimento de que o Espírito Santo as anima e as capacita para a missão:

“Sem o Espírito Santo, não posso realizar nada. O meu trabalho seria vazio ou e não produziria frutos. Tudo o que faço eu peço a luz do Espírito Santo. Eu faço oração, medito e ajo impulsionada pelo Espírito Santo” (Coord.04).

Entendemos que esta linha de pensamento é reforçada quando se depreende que para as coordenadoras o trabalho da PPI dignifica o idoso. Esse trabalho contribui para a valorização dos idosos e faz valer os seus direitos de pessoa humana e de cidadão e, ao mesmo tempo,

preenche de sentido à vida das coordenadoras: *“Traz muitas coisas positivas como alegria, paz. Eu levo o meu amor fraterno a eles e recebo isto e muito mais em troca”* (Coord.04). Os escritos do texto base da campanha da fraternidade de 2003, que teve como tema “Fraternidade e Pessoas Idosas” no capítulo destinado a dignidade da pessoa humana, vem complementar com o que acabamos de expor:

A descoberta do sentido último da vida é tarefa de todos e de cada um, e acontece mediante o reconhecimento da unicidade e da originalidade de cada pessoa. Também exige a abertura para relações e encontros profundos em todos os níveis (da pessoa consigo mesma, com os outros, com a natureza inteira e com Deus), assim como o trabalho solidário, para que haja uma sociedade digna do ser humano. Só assim se realizará o projeto de Jesus, para que haja “vida, e vida em abundancia (Jo 10,10)” (CNBB, 2002, p.38).

Destarte, o que se percebe é que no entendimento das coordenadoras o trabalho exercido na PPI faz parte de sua interação com o criador e acima de tudo, com o seu filho Jesus que ganha força na presença do ES. O trabalho solidário exercido nestas condições é capaz de produzir frutos que por sua vez geram vida, como se depreende nas respostas sobre a relação da fé com a sua ação na PPI: *“É uma relação positiva, pois quem tem fé, sempre acredita que as coisas boas aconteçam. Neste trabalho de visitas através da fé, levamos esperança na doença, alegria na solidão, o abraço que muitas vezes é o único por mês”* (Coord.02).

A fé é de fato uma questão de subjetividade e segundo vimos na sociologia weberiana, a racionalidade é operada na subjetividade. A subjetividade por sua vez, é o universo interno de todo e qualquer ser humano, e este universo interno é composto por emoções, sentimentos e pensamentos. Por isso, entendemos que a PPI de fato exerce um trabalho ecumênico junto aos seus atendidos, todavia no que tange a pessoa das coordenadoras ouvidas esse ecumenismo não aparece tão definido. Justificamos nossa percepção ao observarmos que as coordenadoras não almejam produzir qualquer tipo ou condição de vida para os idosos atendidos, mas, sobretudo, almeja-se uma vida de acordo com o sonho de Deus para cada pessoa.

3.4 A CONCEPÇÃO DE IDOSO

A partir deste momento vamos apresentar a concepção de idoso que se depreende da análise de conteúdo. Neste sentido, temos que o caráter da fragilidade física e material da pessoa idosa, é uma constante na fala das coordenadoras. Logo, temos que o objetivo da PPI é melhorar as condições de vida social das pessoas idosas, vejamos:

“Fazer visita domiciliar à pessoa idosa que está fragilizada, que não sai de casa, que vive na solidão. Observar se ela sofre algum tipo de violência, se o ambiente que vive oferece algum risco a ela. Criar uma rede de solidariedade para tentar solucionar ou amenizar alguma necessidade que ela esteja passando. Ter consciência de cidadania, participando de conselhos locais, municipais, estaduais, para reivindicar direitos que não são cumpridos” (Coord.05).

Porém, na análise de conteúdo sobre as respostas em relação ao objetivo e ao público alvo da PPI, no primeiramente se tem a impressão de que os problemas de ordem material e de ordem física são os mais comuns e os que mais pesam na realidade dos idosos visitados pela PPI. Entretanto, evidencia-se nas respostas que não, na comparação com as respostas a respeito à descrição do idoso atendido pelas coordenadoras a constatação é outra, diante do confronto das respostas, essa constatação enfraquece e porque não dizer, derruba a primeira impressão, como vemos:

“A pastoral foi criada a fim de visitar as pessoas mais fragilizadas, comunidades carentes que pouco ou nada mais saem de casa. Hoje a pastoral visita muitos idosos que vivem só, rodeados de cuidadores, damas de companhia, mas sofrem da doença da SOLIDÃO dos filhos que pouco aparecem. Possuem muitas vezes toda a riqueza e conforto” (Coord.02).

“A PPI procura atender os mais vulneráveis seja pelo abandono (pessoas idosas de posse também sofrem de solidão) e também os mais pobres, esquecidos e violentados. Algumas pessoas têm

condições financeiras, mas estão em idade avançada e sozinhos” (Coord.03).

A partir da análise de conteúdo destas falas, o que se depreende então é que os problemas de ordem material e física são de fato os mais comuns, todavia, os que mais pesam junto aos idosos é a situação de solidão e ou de abandono.

A solidão é, pois um dos fatores mais percebidos pelas coordenadoras trazendo preocupações. Sobretudo, quando se enfatiza que esta solidão muitas vezes não se liga diretamente com uma questão financeira ou mesmo de abandono asilar, mas senão pela falta de reconhecimento e valorização da pessoa idosa, tanto da parte de seus familiares quanto da sociedade como um todo.

Por outro lado, a resposta a seguir com relação ao objetivo do trabalho da PPI apresenta uma denotação diferente das demais respostas sobre esta questão, vejamos: *“O objetivo da PPI é que cada pessoa que envelhece seja protagonista do seu próprio envelhecimento, e principalmente o de levar vida e dignidade às pessoas idosas” (Coord.03).*

Assim, na medida em que se pergunta sobre a concepção acerca do que é ser idoso e a colocamos na perspectiva da resposta acima, se tem um viés que converge para pensar um envelhecimento de acordo como os debates sobre o envelhecimento *ativo*, como se pode ver:

“O idoso ao meu ver hoje não possui o mesmo papel de antigamente, daquele que trabalha com foco na aposentadoria e permanece sempre à disposição da família. O idoso atualmente procura envelhecer de uma forma saudável, pensando desde jovem que um dia este período irá chegar e que cada vez mais será um período longo e esse deve ser aproveitado e cultivado da melhor maneira possível. É importante que o idoso seja respeitado como ser humano que é, com todas as limitações inerentes a sua idade. O idoso que mantém sua autonomia sabe usufruir de todos os momentos de lazer a interação social e o desenvolvimento de hobbies e interesses diversos para que a mente mantenha-se ativa e saudável. Porque viver implica em manter-se num processo de aprendizagem eterno” (Coord.01).

Uma linha viável de análise seria aventar que quando as coordenadoras se referem aos idosos atendidos, falam considerando uma geração de adultos que no passado não se preocupou com a fase final da vida. Ao falar da geração de idosos que vem se constituindo entendem que há uma maior preocupação por parte destas pessoas, com relação a esta fase da vida, elas procuram se preparar melhor seja no aspecto físico, mental e/ou material.

Logo, o que se pode depreender sobre a visão da pessoa da idosa por parte das coordenadoras é que, embora se busque atender os idosos fragilizados em função da urgência e da demanda da situação em que se encontram muitos destes idosos, até porque este é o objetivo da PPI, é a visão de um idoso em condições cada vez mais independente, saudável e ativo na sociedade.

3.5 A PLURALIDADE RELIGIOSA

Para alcançarmos o objetivo de nossa pesquisa que visa depreender os sentidos da ação pastoral católica dentro da PPI, preocupou-se em perceber ainda qual o entendimento destas coordenadoras em relação a pluralidade religiosa.

Na percepção das coordenadoras sobre a pluralidade religiosa deixa claro o conhecimento de que a mudança de concepção de mundo favoreceu o aparecimento da pluralidade religiosa: *“Mundo está pluralista, subjetivismo. Falta de identidade Cristã. São muito acolhedores mais buscam através da religião milagres e bens materiais”* (Coord.01).

Todavia, a maioria das coordenadoras agrega em sua percepção um elemento de caráter crítico: *“O termo correto seria Neopentecostal. É o crescimento da teologia da prosperidade, que não tem nada a ver com a mensagem de Jesus Cristo”* (Coord.05).

Desta forma, a maioria das respostas analisadas vão conferir para o mundo pluralista e subjetivista da atualidade, que é visto como o fator preponderante para a adesão a estas religiões, dada a condição imediatista e da promessa de prosperidade material que propagam, vejamos: *“Vejo um crescimento das igrejas neopentecostais que se denominam evangélicas, na maioria das vezes a promessa de prosperidade e de cura é que atrai seus seguidores”* (Coord. 03).

Mas, esta crítica, contudo, não se prende somente em relação às religiões neopentecostais, também é direcionada para dentro da IC. Aqui, boa parte das respostas das coordenadoras vão em direção a um

déficit da IC, entendendo que o crescimento dos “evangélicos” no Brasil acontece em função desta deficiência, como fica evidente nas falas a seguir:

“Opção livre de cada ser humano de escolha. Eles têm uma dedicação maior em cativar, as pessoas mais necessitadas por algum tipo de consolo principalmente no trabalho dos viciados em drogas. Os evangélicos fazem um ótimo trabalho. A igreja católica tem um envolvimento menor” (Coord.02).

“Penso que muitas pessoas não viveram verdadeiramente sua fé e buscam nas igrejas evangélicas respostas imediatas as suas necessidades materiais e espirituais” (Coord. 04).

Assim, entendemos que as coordenadoras reconhecem o crescimento das religiões neopentecostais, por sua capacidade de interagir e perceber os anseios da sociedade e do homem subjetivado da atualidade. Voltando suas críticas ao direcionamento do fiel para a prática de uma teoria da prosperidade. Por outro lado, o tom da crítica para a IC reside na sua falta de eficiência em proporcionar aos seus fiéis uma experiência capaz de torná-lo convicto de sua fé, ou a ponto de fidelizar e atrair novos seguidores; porém, não sem a devida *mea culpa*, característica própria da IC. Com isso entendemos que na visão das coordenadoras, o que falta na IC sobra aos neopentecostais.

3.6. PAPA FRANCISCO: O ELEMENTO AMBIVALENTE

Considerando que aquele que ocupa o cargo máximo da IC é sempre uma figura emblemática na sociedade, buscamos levantar a percepção das coordenadoras da PPI sobre este líder. É possível notar na análise de conteúdo que as respostas sobre o pontífice vão se constituindo por uma lógica diferente do *asceticismo intramundano* que vinha sendo articulado. Um dos colaboradores para esta noção reside no elemento da palavra *humildade*, que na comparação com as outras palavras presentes nas respostas, é expressa na maioria delas, mesmo índice alcançado pela palavra *Iluminado*. Todavia, ao contrário desta, aquela, não apresenta característica que possa convergir para o direcionamento ao pensamento weberiano de *mística*, como se poderia supor em um primeiro momento.

Na contextualização das respostas, entendemos que esta palavra leva para outro caminho de análise, isto porque a conotação da palavra *humildade*. De acordo com Sell (2004) no sentido de *misticismo* weberiano deixa transparecer a ânsia do fiel *místico* em esvaziar-se, pois no vazio de si mesmo, o *místico* abre espaço para preencher-se da divindade.

A presença da palavra *humildade* nas respostas obtidas, dentro do contexto sugerido, condiz mais com uma característica de cunho crítico. Quando conjecturamos que há a possibilidade da pessoa do pontífice ter sido ligada diretamente com a ideia de instituição, hierarquia e estrutura física da IC. Aqui, cabe ressaltar, o papel estratégico e fundamental da Cúria Romana para a manutenção da hierarquia e na administração geral da Igreja. A incidência das palavras *luxo e ter*, no desenrolar das respostas vão servir, para nós, como outros indicadores deste pensamento:

“Na atualidade um exemplo humano de humildade, se despojando de todo e qualquer luxo em seu pontificado” (Coord. 02).

“(...) Clama pela defesa de todo o planeta. Não se preocupa com o ter e sim como que toda Igreja pode e não faz” (Coord. 03).

“Penso que está respondendo a muitos anseios do povo católico de maneira humilde e alegre” (Coord. 04).

“Um sacerdote comprometido com o projeto de Deus. Que deseja uma igreja que continue a missão que Jesus Cristo iniciou” (Coord. 05).

A partir desta linha, a ideia de crítica pode ser aventada, na medida em que se pensa o grande desafio a ser superado pela IC, a saber, o problema da ostentação e da riqueza material. Outro calo da IC é o visível interesse na manutenção do poder na esfera social e política, que embora, atualmente esteja enfraquecido, acompanha a história desta instituição. Sobretudo, pelo fato de que esta instituição a muito é apontada por seus fiéis e pela sociedade civil por não praticar o que prega, ou seja, o desapego aos bens materiais e a divisão de sua riqueza com os mais necessitados.

Contudo, quando a resposta prende-se especificamente na pessoa do pontífice, surge o viés voltado para o *misticismo*. Principalmente, quando no entendimento das coordenadoras, aparecem algumas palavras que convergem para característica de “*receptáculo do divino*” expressão utilizada por Sell (2004), para definir a *mística* em Weber. A partir do entendimento de Sell (2004), podemos inferir que as palavras: “*iluminado*” ou “*guiado pelo Espírito Santo*”, podem denotar uma visão *mística* em relação ao Papa Francisco. Cabe ressaltar que as palavras: “*iluminado*” ou “*guiado pelo Espírito Santo*”, somam 40% do total das respostas. Este resultado pode ser considerado como indicador do *misticismo intramundano*, pois ela representa metade das respostas voltadas para o pensamento de *asceticismo intramundano*, hegemônico entre as coordenadoras, quando falam de si mesmas.

Os elementos que aparecem nas respostas sobre a pessoa do Papa desprendida da ideia de instituição, criam um contorno de alguém que ocupa outra escala dimensional. Essa pessoa se encontra em um patamar mais elevado espiritualmente que as demais. Trazemos então, a metáfora de vaso, acertadamente utilizada por Weber para explicar a condição do *místico*. O *místico* se deixa preencher de uma divindade, e com isso necessita esvaziar-se de si mesmo; vejamos como fica esse entendimento na fala das coordenadoras:

“Uma pessoa iluminada que se deixa guiar pelo Espírito Santo e está chamando todos os católicos a viverem a caridade e o acolhimento. Está atento a tudo que podemos fazer católicos ou não para defender a vida dos humanos e a vida dos que o cercam. Clama pela defesa de todo o planeta. Não se preocupa com o ter e sim como que toda Igreja pode e não faz” (Coord.03).

“Um ser Iluminado” (Coord. 01).

O Papa Francisco é dono de uma incrível aceitação popular de católicos e de não católicos. Desde a sua escolha como pontífice desta instituição religiosa, vive envolto em controvérsias dentro e fora da igreja, uma vez que sinaliza na direção de mudanças dentro da organização institucional da IC, bem como de assuntos que dizem respeito à esfera social, diz (PASSOS, 2014).

Preso dentro desta ordem tida como perversa, por aqueles que integram a ala conservadora da IC, tem a difícil tarefa de romper com o velho moralismo católico e avançar na inédita abertura para as

realidades da modernidade, entre elas a aceitação de união homoafetiva e de casais de segunda união. O que está em jogo é a manutenção de uma tradição católica, que na concepção dos progressistas, mistura-se a um tradicionalismo arraigado e excludente em detrimento de uma igreja mais inclusiva e aberta, mas que não deve abrir mão de sua doutrina e tradição.

Neste entendimento, articula-se de forma muito breve a ideia de “carisma” presente na sociologia weberiana. A noção de autoridade se legitima a partir do consenso dos integrantes do grupo, assim temos que, o carisma está atrelado a outro conceito, o conceito de dominação, que só se legitima a partir do consentimento por parte dos dominados. A dominação se dá na medida em que se encontra obediência do grupo através de ordens específica (WEBER, 2014). A concepção weberiana de dominação se desmembra em tipos distintos, na dominação racional, a base deste poder está na legalidade dos mandatários que exercem esta dominação sobre seus dominados.

Dentro da dominação tradicional, predomina a vigência de uma tradição cotidiana que desde sempre atua dentro deste grupo, e se legitima na autoridade de seus representantes por força desta tradição. Já a dominação carismática se baseia no poder heroico, ou por seu caráter exemplar e das ordens reveladas por esta pessoa (WEBER, 2014).

É no elemento da dominação carismática que queremos nos prender um pouco mais e, voltar a falar do Papa Francisco. A partir da definição weberiana de dominação carismática, é possível reconhecer que certas pessoas são dotadas de carismas, sobretudo, aquelas lideranças que se colocam a frente de questões que visam uma renovação e por isso rompem com a rotina histórica do grupo, criando resistência entre os que se encontram socialmente estabelecido dentro dele (PASSOS, 2014). Já Weber afirma: “No caso da dominação carismática, obedece-se ao *líder* carismaticamente qualificado como tal, em virtude de confiança pessoal em revelação” (WEBER, 2014, p.141) e é nesta concepção de Weber que situamos a visão das coordenadoras da PPI em relação ao Papa Francisco.

Analisando o conteúdo expresso nas respostas, depreende-se que o líder desta instituição religiosa, no exercício de suas funções, ao conduzir o seu rebanho, apresenta características de um carisma que, suplanta o pensamento do carisma tradicional weberiano.

Dentro da sociologia weberiana se entende que o carisma se liga diretamente à qualidade de uma pessoa; a esta pessoa se atribui poderes ou qualidades sobrenaturais, em suas palavras “...ou, pelo menos, extra cotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus como

exemplar e, portanto, como “líder”(WEBER, 2014, p.159) Nesta linha de concepção, depreende-se então que as coordenadoras da PPI ao expressarem sua visão a respeito do Papa Francisco, o fazem de forma *mística* e o apresentam com uma liderança carismática. Evidencia-se este carisma papal quando o percebem diferente delas, entendendo que sua atuação no mundo enquanto católicas, é uma *missão ou vocação*, já ao falar do Papa, em relação a atuação deste no mundo, as falas apresentam o pressuposto de um “*sacerdote*”, como podemos verificar: “*Um sacerdote comprometido com o projeto de Deus.*” (Coord.05).

Nestas condições, passa-se a ideia de ser o Papa um *eleito divinamente*, e que por isso há a necessidade de diferenciar entre ele e elas a ação desenvolvida no mundo. A *missionariedade* de agência no mundo por parte da pessoa que professa a fé católica deve tornar esta pessoa diferente das não católicas, uma vez que essa é a condição do batizado nesta instituição, o que é bem diferente da *missão reveladora* do *eleito divino*, no caso o Papa, que revela a vontade de Deus.

Considerando que, através da ideia de *eleição*, é possível pensar níveis de elevação espiritual diferentes, temos em nossa ótica, que os elementos: “*se deixa guiar*” ou “*um iluminado*” ou ainda “*Comprometido com Deus*”, vai compor a visão de um Papa possuidor de um discernimento que extrapola a condição humana, ou seja, a *iluminação divina*. A condução do rebanho se legitima, por sua condição de *iluminado*.

Então, entendemos que o Papa Francisco, na concepção das coordenadoras PPI, adquire elementos de um *líder* que exerce sua *dominação carismática*, na lógica do pensamento weberiano. A *dominação carismática* se caracteriza pelo seguimento de um *líder*, que se constitui pelo reconhecimento das coordenadoras, conferindo legitimação na condução dos fiéis na transformação do mundo, conforme se observa: “*(...) Está atento a tudo que podemos fazer católicos ou não para defender a vida dos humanos e a vida dos que o cercam. Clama pela defesa de todo o planeta*” (Coord.03).

Para pensar esta *iluminação* é preciso supor que há por parte deste pontífice uma *obediência ao divino* sem restrições Essa *obediência* por sua vez, culminaria em um *comprometimento com Deus*. Na medida em que é visto como um sacerdote que se abandona ao *divino*, cria-se a certeza de que o divino habita na pessoa do Papa e é um com ele; no revelar a vontade divina, exerce a *dominação carismática* sobre seus fiéis. A concretude deste pensamento se dá quando se encontra em Weber (2014) que:

O modo objetivamente “correto” como essa qualidade *teria* de ser avaliada, a partir de algum ponto de vista ético, estético ou outro qualquer, não tem importância alguma para nosso conceito: o que importa é como de fato ela é avaliada pelos carismaticamente dominados – os “*adeptos*” (WEBER, 2014, p.159).

Neste sentido, a afirmação *se deixa guiar* nos remete ao ato de abandonar-se ou de entregar-se a algo ou a alguém, como um processo de amalgamação com esse alguém; daí entendermos que por intermédio desta lógica de pensamento, depreendida da observação das respostas, pode-se considerar o Papa Francisco um *eleito*, que por sua condição de *iluminado*, é portador e revelador da vontade de Deus, que o legitima como um “*líder*, exercendo assim uma *dominação carismática* weberiana.

Assim sendo, pela linha de pensamento desenvolvida acima, entendemos que é plausível pensar sobre uma possível ambivalência existente na pessoa do Papa. Senão, o que dizer do fato histórico, onde a IC foi literalmente colocada na condição de ouvinte de seus adeptos, quando promoveu o recente sínodo da família, fundamentado nas respostas de um questionário aplicado junto aos fiéis de todo mundo? Se houve avanço ou não nas questões, é análise para outro momento, o que cabe ressaltar aqui é o protagonismo e o vanguardismo presentes na atitude inédita dentro do caminho do catolicismo mundial, propiciado por este papado muito considerado pelas coordenadoras.

4 OUVINDO AS LÍDERES

4.1. PERFIL SOCIOPOLÍTICO DAS LÍDERES: CONHECENDO AQUELE QUE FALA

Antes de começarmos nossa análise é importante dizer que na oportunidade da aplicação do questionário junto às líderes alcançamos um retorno de nove questionários respondidos. Todavia, em função de três deles não apresentarem condições para análise, haja vista terem muitas questões em aberto, tivemos que desconsiderá-los, alcançando com isso o total de seis líderes. Dentro do universo dos questionários considerados para análise, ainda temos respostas em branco para algumas perguntas, motivo pelo qual algumas questões vistas no grupo 01 não serão contempladas aqui. Um dos motivos alegados para tanta baixa foi o fato de o considerarem muito longo e por consequência complexo em seus questionamentos.

A estrutura deste capítulo obedecerá a mesma do capítulo anterior. Em paralelo ao processo de análise do conteúdo das respostas obtidas, tentaremos articular o que se observa neste grupo das líderes (doravante grupo 02) na comparação com o que se depreendeu junto às coordenadoras (doravante grupo 01), seja pela aproximação ou pelo afastamento entre ambos.

As líderes são aquelas que estão em contato direto com as pessoas idosas ao menos uma vez por mês, ou seja, é ela quem faz as visitas, avaliando o idoso a partir dos indicadores propostos nos documentos da pastoral e repassam os dados às coordenadoras. A área de atuação destas líderes, na maioria das vezes, restringe-se a própria comunidade em que reside; o motivo apresentado é a proximidade com o idoso e o conhecimento da existência destes, contudo não é uma regra.

O trabalho consiste em monitorar e acompanhar os idosos identificados (principalmente os acamados) a partir de 08 indicadores: atividades físicas; ingestão de líquidos; vacina anual contra gripe; vacina contra pneumonia a cada 05 anos; prevenção de quedas; identificação de incontinência urinária; encaminhamento aos serviços de saúde; identificação de pessoas idosas dependentes. Esta visita é posteriormente transcrita para um fichário próprio da PPI, onde se informa as condições em que se encontra o visitado.

As líderes estão localizadas dentro da paróquia do Ribeirão da Ilha, da paróquia da Trindade e na paróquia dos Ingleses; a atuação destas líderes acontece dentro bairro sede destas paróquias. A função

deste grupo como mencionado anteriormente é voltada para a visita direta junto à pessoa idosa. A proposta é que se faça um atendimento, ou visita, bastante detalhada e atenta ao contexto que se apresenta na vida do idoso, por isso o número máximo de idosos sob a responsabilidade de cada líder fica na casa de 10 idosos, que dá uma média então de 10 visitas/mês para cada líder.

Com relação à cidade de origem, apuramos que aqui mesmo de forma minoritária a cidade de Florianópolis é citada. Quanto ao estado civil a maioria das líderes menciona ser casada, contudo temos respostas que dizem ser divorciadas e ainda solteiras, condição esta que não se encontrou entre as coordenadoras. Merece ser ressaltada a condição que já mostramos na análise junto às coordenadoras, e que parece ser a realidade das pessoas que atuam dentro da PPI, que é o estado civil de casada; haja vista a condição de uma das líderes que realiza visitas com o seu esposo. Ademais as líderes também afirmam não perceber diferença no trabalho desenvolvido por homens e mulheres na PPI, entendimento esse que é unânime aqui no grupo 02 a exemplo do grupo 02.

No grau de escolaridade, obtém-se a respostas que compreendem o nível a pós-graduação, superior completo, secundário incompleto e primário incompleto. Na condição profissional se encontrou um cenário mais eclético do que os das coordenadoras; obtivemos respostas para a atividade de doméstica, para a condição de aposentada como administradora, como jornalista, funcionária pública e profissional liberal.

Assim, vimos que ambos os grupos apresentam um alto nível intelectual e seus membros atuam em diversos campos profissionais, o que vai apresentar uma realidade que não era tão presente nos trabalhos pastorais. O que se vê, ao menos aqui, é que o trabalho voluntário desenvolvido junto a esta pastoral tem uma realidade muito diversa dos voluntários dos tempos de outrora dentro da IC.

4.2 PERFIL RELIGIOSO: QUAL O TIPO DE CATÓLICO

O perfil religioso das líderes da PPI se iguala a predominância da religião católica e, na existência da unanimidade da liderança feminina. Outra situação que se repete aqui é a visão sobre a importância da mulher no campo de atuação da IC. Neste ponto é importante perceber à fraquíssima incidência de crítica sobre a desvalorização deste gênero por parte da IC, a crítica ainda se mostrou com certo otimismo: “*Sinto que*

elas estão mais valorizadas” (Líder 03) condição inexpressiva quando comparado a maioria das respostas das coordenadoras.

A denominação cristã aqui aparece na mesma proporção do grupo 01, ou seja, a maioria. A diferença a se considerar neste grupo é o fato de que em uma das respostas apareceu a condição de pais católicos e a filha de outra religião cristã, diferentemente do grupo 01. Outro aspecto bastante interessante e que difere do grupo 01, é a realidade de uma das líderes ter em sua família mãe e filha católicas e o pai espírita.

A preferência por práticas religiosas diferentes em uma mesma família, aqui constatada, pode ser vista pela ótica da pluralidade religiosa contemporânea, ou por uma possível fraqueza do discurso familiar religioso, que no grupo 01 se mostrou bem instituído, e aqui no grupo 02 ao contrário, no mínimo se enfraquece ou inexistente, haja vista a realidade que apresentamos acima.

Com relação a um momento de conversão das líderes temos o mesmo resultado do grupo 01, ou seja, a maioria afirma que não viveu este momento, o que reforça nossa linha de pensamento sobre o poder do discurso familiar religioso. No grupo 02, temos uma delas que diz ter vivido este momento quando surgiu um problema de saúde com um dos familiares; todavia, esta conversão foi na direção de outra religião cristã, acontecendo após 40 anos professando a fé católica.

Este grupo corrobora a análise que fizemos sobre o amadurecimento da fé no grupo 01, por ocasião da questão sobre um momento de conversão, expressando literalmente nosso entendimento de amadurecimento da fé: *“Sempre frequentei a Igreja católica, mas tive uma proximidade muito maior nos últimos cinco anos – ainda que eu não trate esta aproximação como uma conversão, mas como a maturidade da minha fé” (Líder02).*

Sobre a visão do que é ser católico o que se observa é o discernimento para o *asceticismo intramundano*, já aclarados em outras oportunidades. Como no grupo 02 também se encontra elementos do *asceticismo intramundano* reforçada pelo cumprimento da doutrina católica: *“Ser Católico ou Anglicano é ser cristão é crer em Deus é viver a doutrina de Jesus Cristo” (Líder 04).* Ou nesta: *“Ser católico é acreditar nos dogmas da Igreja, desenvolver a fé e praticar a caridade amando o próximo” (Líder 01).*

Ainda sobre a resposta do que se entende por católico é importante ressaltar que as líderes a ligam de forma considerável com uma ação feita dentro da comunidade: *“Ser católico é participar de uma comunidade que segue o exemplo e os ensinamentos de Jesus Cristo e que ama a Deus e as criaturas criadas por ele” (Líder 02).*

Quando o assunto é saber se a IC busca a salvação para os seus fiéis, encontra-se uma hegemonia nas respostas que a negam veementemente. Coadunam também hegemonicamente sobre o fato de que a religião lhes ajuda a ser uma pessoa melhor, no sentido de provocar um aprimoramento nas relações: *“Sim, principalmente na prática da bondade com o próximo” (Líder04)*. Estas respostas acompanham o mesmo elemento encontrado no grupo 01, que é a necessidade de se cumprir uma *missão* no mundo, e que esta *missão* é de cunho pessoal e intransferível:

“Não. O importante é ser bondoso e honesto na terra, enquanto estamos vivos” (Líder 03).

“Não. Acho que o objetivo principal da religião católica é que busquemos, através de oração e principal de nossas ações, promover o mundo ideal na Terra – o que alguns chamam de Paraíso na Terra. Desta forma, o objetivo principal é que realmente promovamos a paz e o amor ao próximo. Na prática, e não na teoria” (Líder 02).

Há nessas respostas elementos de *asceticismo intramundano* e da responsabilidade de cada uma neste processo de salvação. Esta missão é uma resposta à fé professada, conforme já se discutiu no capítulo destinado às coordenadoras, que pensam da mesma forma.

Já com relação à pergunta sobre uma possível crise na religião, diferentemente de algumas coordenadoras que disseram não existir crise na religião e de outras que não se manifestaram, o que se observa é uma diferença de entendimento. Se para metade das líderes o entendimento é de que a religião encontra-se em crise sim, chegando a verbalizar literalmente esta posição: *“Sim” (Líder 06)* e *“sim” (líder 01)* ou ainda: *“Algumas” (líder 04)*. Por outro lado, as demais as respostas afirmam o contrário, ou seja, que não existe uma crise na religião, e desta forma responsabilizam diretamente os cristãos por este momento que vive a religião:

“Não acho. Acho que muitas pessoas estão em crise, perdidas. Mas a religião sabe muito bem o seu papel e que caminho deve seguir. Algumas pessoas perdidas, tentando se encontrar, buscam a religião, mas muitas vezes não compreendem o

que ela quer dizer ou significar. Mas não é a religião que está perdida” (Líder 02).

Esse pensamento de que não existe crise na religião por este momento pelo qual vai ao encontro do pensamento das coordenadoras, pois elas também entendem que a crise não reside nas religiões, mas no ser humano. Nota-se enfim, que com relação à crise na religião, há primeiro uma diferença de percepção entre as próprias integrantes do grupo 02, e depois uma diferença em relação às integrantes do grupo 01, que obteve quase unanimidade na resposta.

Considerando que a metade das líderes acredita não existir crise na religião e sim na pessoa humana, coadunam com a visão de auto-salvação que foi identificada no grupo das coordenadoras. Esse pensamento reforça a ideia de uma agência contrária ao relativismo contemporâneo e suas imbricações, convergindo a RCC existente dentro da IC, nas palavras de uma das líderes: *“Algumas religiões viram o número de fiéis diminuir. Mas, em compensação, essas pessoas mudaram para outra religiões. Acho que as pessoas sempre estão em busca de um Deus ou de um Ser Superior, independente da religião, por isso acho que não está em crise” (Líder 03).* Concordando no entendimento de que a religião não está em crise, é que as líderes percebem a RCC como a vertente da igreja que faz frente à pluralidade religiosa contemporânea.

Na pergunta sobre a TL metade das líderes deixou a resposta em branco; porém, o grande diferencial aqui é que deste total de respostas, à metade delas mesmo que apresentando críticas, enaltecem o trabalho desta vertente católica, vendo-a de forma positiva: *“Ela teve um papel importante na história do Brasil, ainda que tenha se radicalizado de uma forma não positiva, ainda assim, ela tem pontos elogiáveis, como a defesa de uma maior igualdade social.”(Líder 02) ”*, e ainda *“A Teologia da Libertação é maravilhosa se posta em prática. Toma partido pelo mais fragilizado: pobre, oprimido e o marginalizado.” (Líder 04);* ou que nada tem contra esta vertente católica.

Percebe-se então, que aqui no grupo 02, existe uma posição mais clara a respeito das duas vertentes da IC. Aqui a TL é mais bem qualificada mesmo sob a crítica de uma aparente radicalidade e da falta de uma verdadeira prática. Encontra-se ainda neste grupo, um entendimento mais harmonioso nas respostas sobre esta vertente. Por outro lado, a RCC é apresentada como aquela que é a arremetadora de fiéis para IC, ou seja, aquela que deve fazer frente à pluralidade religiosa dos tempos atuais, e em certo momento é vista em uma

situação marginal, chegando a se sugerir uma postura frente a esta vertente da IC: *“Não Gosto, devemos saber dividir”* (Líder 06).

O grupo 02 entende que existe uma diferença no trabalho realizado por carismáticos e por progressistas: *“Sim os carismáticos fazem um trabalho mais alegre e animados”* (Líder05). A diferença na execução do trabalho por parte de um e de outro reside na alegria. Importante mostrar é que aqui também existe número de respostas deixadas em branco, reflexo quem sabe do desconhecimento sobre uma das vertentes, como se pode ver: *“Não tenho conhecimento suficiente para ter uma opinião. Acredito que todos do meu convívio sejam carismáticos.”* (Líder 03). Ou ainda: *“Novamente eu não me sinto preparada para responder esta pergunta. Não trabalhei com católicos progressistas ou carismáticos para poder enxergar esta diferença no trabalho com idoso”* (Líder 02).

Aferimos ainda que em nenhum dos grupos houve por parte dos seus integrantes, pelo menos na maioria das respostas, a manifestação sobre a participação em uma ou outra vertente da IC.

Nas respostas sobre a visão do que seria um católico tradicionalista, depreende-se que as líderes referem-se mais a questão da formalidade litúrgica ou do rito propriamente dito. Não obstante, também se encontra a ideia de um grupo atrasado no tempo em relação às necessidades contemporâneas: *“Sim, existe. Não tenho muito contato, mas acredito que sejam pessoas extremamente conservadoras. Na minha opinião, são pessoas que não acompanharam a evolução dos tempos”* (Líder 03) e que se ligam a doutrina:

“Existem correntes que defendem o resgate das origens da Igreja Católica. Para alguns, eles podem ser tradicionalistas. Da minha parte, acho que estes grupos também cumprem o seu papel, ainda que eu não compartilhe com a visão deles de resgate de alguns procedimentos que não estão muito ligados ao essencial, que é o exemplo de Jesus Cristo.” (Líder 02)

Apuramos ainda que para as líderes a IC não deve mudar com relação aos seus dogmas e a sua doutrina, bem como em sua atuação caritativa de ajuda aos mais necessitados: *“Praticar o bem e ajudar o próximo, principalmente os mais necessitados”* (Líder 03). Por outro lado, uma mudança consentida por parte das líderes seria no que se refere à questão da moral religiosa, pois para elas os homossexuais, divorciadas ou uso de preservativos, devem ser considerados: *“Deve*

mudar quando não atende o anseio do povo” (Líder 04), ressalta-se que para estas mudanças leva-se em consideração novamente a pessoa do Papa.

Com relação à missa em latim a grande maioria das líderes diz não ser a favor do seu retorno, ligando essa negativa com a questão da língua, da participação e com a clareza do que se passa na celebração litúrgica. Percebemos uma maior preocupação com o inculturamento da religião em detrimento de uma participação mais efetiva no rito da missa, situação que ficou mais evidente junto ao grupo 01.

Quando perguntadas se entendem que a IC é conservadora, as líderes novamente dividem opinião. A Metade das respostas dizem sim, que a IC é conservadora e quando se cogita a possibilidade de mudança é novamente por intermédio da pessoa do Papa Francisco. A presença do Papa, aliás, foi bastante relevante no grupo 01, motivo que nos levou a fazer um tópico sobre sua atuação frente à IC e seus fiéis. Aqui se reitera a força deste papado que apresenta a mesma característica encontrada no grupo 01, ou seja, o uso da palavra “*iluminado*” a fim de descrevê-lo está em grande parte do total das respostas.

Este resultado agrega peso no pensamento que aponta para o *misticismo intramundano* deste papado, defendido por nós, como se percebe nesta resposta: “*Modelo de simplicidade e bondade. Pessoa Iluminada*” (Líder 04). Tem-se novamente um Papa que é percebido como aquele que possui um poder desregulador em uma concepção weberiana, conforme articulamos anteriormente: “*Ele veio para fazer a diferença*” (Líder 05).

As demais respostas dizem que a IC não se apresenta conservadora, senão que o que existe é a necessidade de observação das regras por parte dos católicos:

“Não concordo. Acho que a Igreja Católica defende pontos claros e pede a conversão das pessoas. Essa conversão nunca é simples e nem fácil e, talvez, para as pessoas que tem dificuldades de seguir o exemplo de Jesus, a Igreja possa parecer muito conservadora. De fato, o que a Igreja Católica prega e deve pregar não tem a ver com muitos dos valores ditos ‘modernos’. Pelo contrário, a Igreja é contra o consumismo, a coisificação das pessoas, a desvalorização da vida, alguns dos conceitos dos tempos atuais, por exemplo” (Líder 02).

"nem tanto, só devemos continuar respeitando a nossa religião" (Líder 06).

Com relação ao entendimento de que a IC deve participar na esfera política observa-se a metade das repostas a favor desta situação pela perspectiva de marcar seu posicionamento em assuntos da sociedade: *"A Igreja Católica não deve ter candidatos ligados à instituição exercendo cargos públicos, mas ela deve sempre marcar posição sobre assuntos relevantes para a sociedade" (Líder 02)*. A ideia da necessidade de respostas junto à sociedade aparece também no grupo 01.

Outra expressiva parte das líderes, responderam que *"não"* são a favor da participação da IC na política, resposta que não encontramos no grupo das coordenadoras. No grupo das líderes não encontramos elementos que conduzissem a um *asceticismo intramundano*, politicamente falando, que ora encontramos fortemente no grupo 01, mesmo que tenham partido de pontos de vista diferentes. Aqui, ao contrário, a participação se resume a necessidade de exercer sua moral por intermédio da emissão de sua opinião quanto aos assuntos da esfera privada.

O que não podemos nos furtar de mencionar é que a característica marcante deste grupo 02 é a forte presença da crítica e de divergência no pensamento entre líderes em relação às várias questões. Apresenta considerável distinção em relação ao grupo 01.

4.3 PPI E MOTIVAÇÃO RELIGIOSA

Começamos mostrando que as líderes coadunam com as coordenadoras no sentido de entenderem que o trabalho da IC desenvolvido junto ao idoso é diferente do trabalho desenvolvido pelo governo. Indo na mesma linha de pensamento de que a IC se preocupa com o lado espiritual e com o salvamento de almas, enquanto que o governo visa o bem estar social. Aqui encontramos elementos que direcionam para uma posição mais crítica em relação ao governo: *"A missão da igreja é salvar almas e não servir os ditames de grupos organizado" (Líder 04)*. Ou ainda: *"A igreja tem um papel mais humano, de valorização da pessoa, de sua história de vida. Para o governo, muitas vezes, as pessoas são apenas números, estatística" (Líder 03);*

Neste grupo 02, as respostas sobre os pontos positivos do trabalho da PPI e a sua principal contribuição para a parcela idosa da

população reside na melhora da qualidade de vida dos idosos, corroborando o que encontramos junto às coordenadoras. Todavia, aqui o aspecto humanitário da ação fica em maior evidência, ou seja, a presença do líder agrega alegria, conforto e carinho na vida dos idosos atendidos: *“Alegria. Porque quando chegamos as suas casas o sorriso brota nos seus lábios e olhos brilha de alegria”* (Líder 06) ou *“Acredito que a resposta foi dada na pergunta anterior. A principal contribuição para o idoso é a melhora do bem estar físico e emocional dele, com as visitas demonstrando como eles são importantes e estimados”* (Líder 02).

Com relação à participação em cursos de aperfeiçoamento os grupos diferem, aqui se encontra a presença maciça em encontros religiosos:

“Atualmente estou fazendo o curso Bíblico-Catequético, na Facasc (Faculdade Católica de Santa Catarina), para aprofundar a minha compreensão da Bíblia e do trabalho catequético, buscando tornar minha fé mais madura e consciente. Desta forma, acredito que poderei fazer um trabalho melhor não apenas na Pastoral, mas em todas as minhas ações cotidianas. Depois de concluído este curso, quero participar de palestras específicas sobre idosos e os seus cuidados” (Líder 02).

Observa-se que diferente das coordenadoras, que buscam mais conhecimento nas áreas de programas sociais e políticos para idosos. Uma possível explicação para esta diferença de pensamento e prioridade de conhecimentos, entre os grupos, pode ser pensada pela questão do tempo de atuação dentro da PPI por parte destas líderes. Como as coordenadoras apresentam maior tempo de atuação junto à PPI, pode ser que sintam maior necessidade de conhecer a situação do idoso em seus aspectos sociais. Esse pensamento é plausível, uma vez que essa necessidade é mencionada na resposta da líder acima.

Ademais, diferentemente das coordenadoras, as líderes não entendem que a IC assume o papel do governo, no máximo acredita ser um trabalho cooperado: *“Eu acho que um pode ajudar o outro”* (Líder 05).

A percepção de uma pastoral ecumênica no grupo 02 também é clara, compreendendo todas as respostas que dizem que não é o objetivo da IC converter os idosos atendidos, condição encontrada no grupo 01.

Para as líderes a figura do padre coaduna com a das coordenadoras, convergindo para a visão de ser ele o motivador e responsável pelo trabalho sacramental junto aos idosos. Com relação a outras atividades desenvolvidas pelas líderes dentro da IC, somente uma parte delas disseram já ter atuado em outra pastoral. Quadro bastante diferente se observa junto às coordenadoras que em sua maioria migraram de outras pastorais e ainda continuam acumulando outras atividades dentro da IC.

Considerando que para as coordenadoras é possível que qualquer pessoa atue na PPI, desde que tenha disponibilidade de tempo e não sendo preconceituosa, aqui no grupo 02, temos outras situações de impedimentos levantadas. A maior incidência aqui se volta para as pessoas que se mostram impacientes e para as pessoas que têm dificuldade em escutar o outro.

Com relação às respostas sobre a opção de trabalhar com a pessoa idosa encontramos certa alteridade entre os grupos ouvidos. Para as coordenadoras ela se dá de forma unânime, pela condição de fragilidade e exclusão social destes idosos, ou seja, pela vulnerabilidade social. Mas, para as líderes o apelo mais forte é o religioso:

“Por quê? Sempre tive a vontade de ajudar o próximo de forma mais concreta. Os idosos, em especial, porque acho que muitos são abandonados. Ainda mais agora, com o aumento da expectativa de vida. Eles precisam de atenção e cuidado” (Líder 03).

Ou nesta:

“Como comentado anteriormente, há muito tempo eu queria fazer um trabalho voluntario na Igreja e, ao escutar o frei comentar, em uma missa, que a pastoral precisava de voluntários, me senti impelida a participar” (Líder02).

Percebe-se que as líderes são convidadas em sua maioria pelas coordenadoras, haja vista ser essa uma de suas funções a maioria falou desta situação; porém outras relataram que foi sua a demonstração de interesse em trabalhar com idosos e aí a coordenação a procurou. Há porém, uma das respostas das que fala de um chamado especial:

“Não recebi um convite individual, mas um chamado para o trabalho missionário ao ouvir o

frei, em uma missa, falar que a pastoral precisava de voluntários. Há muito tempo eu queria fazer um trabalho voluntário na Igreja, e neste dia eu me senti “chamada” a entrar em ação” (Líder 02).

A resposta acima vai ao encontro das repostas que apontam que existe diferença entre a caridade realizada por um católico e um kardecista:

“Os espíritas/Kardecistas se preocupam bastante com a caridade. Faz parte do trabalho deles atuar neste sentido. Mas vejo que eles fazem mais a caridade de forma assistencialista e para buscar a própria salvação, digamos assim. Da parte dos católicos a caridade é diferente. Pode também haver a parte assistencialista, com alguma ação ou doação feita para resolver o problema imediato da pessoas, mas a caridade é vista de forma bem mais ampla e respaldada no exemplo de Jesus. Há um norte e um caminho a seguir, baseado no exemplo do Filho de Deus, enquanto os espíritas não tem um exemplo específico a seguir” (Líder02).

Na pergunta anterior tivemos metade que não foi respondida e uma que foi voltada para críticas aos católicos e sua inércia. O que faz pensar é o fato de que a resposta partiu da líder que teve sua conversão após muitos anos de permanência na IC: *“A diferença está na ação. Os espíritas fazem caridade, os católicos só se preocupam, mas não agem. Só teoria” (Líder 04).*

As respostas que dizem respeito a diferença da atuação entre um ateu e um católico, sinaliza na maioria das vezes, para a questão do credo, estando em conformidade com o pensamento das coordenadoras. Com relação ao conteúdo da resposta acerca da caridade católica, também se depreende que ela se diferencia por seu amor ao próximo. Contudo, muitas das respostas vêm acompanhada de crítica *“Um católico que não faz caridade não é católico” (Líder 01)* ou ainda *“A caridade é essencial. Acredito que ajudar o próximo nos torna uma pessoa mais completa, mais forte e mais humana. É uma das questões primordiais. Não adianta ser católico se você não pratica a vontade” (Líder 03).*

Na visão de metade das líderes com relação ao trabalho desenvolvido junto a PPI ser visto como uma missão ou um *chamado divino*, como se pode observar na resposta que segue: “*Considero uma missão. E a missão é levar carinho, conhecimento e evangelização aos idosos*” (Líder 01), porém outra metade das respostas afirmam que não: “*Acho que é mais uma questão pessoal, uma vontade de ajudar as pessoas idosas a ter uma vida melhor*” (Líder03). Também se alcança metade das respostas que dizem não ver o trabalho com a pessoa idosa como uma vocação, condição que se mostra unanime nas respostas junto às coordenadoras.

Quando perguntadas sobre o Espírito Santo (ES) se observa uma convergência para o pensamento do grupo 01, na medida em que todas as respostas mencionam o processo de iluminação e capacitação para a missão: “*Ilumina, dirige e orienta nossa caminhada e nos engajando com entusiasmo ao serviço da PPI*” (Líder04).

As líderes consideram que o trabalho da PPI é desenvolvido de forma diferente, ou seja, *iluminado*, isso repercute nas respostas sobre a contribuição da PPI na vida do idoso, a missão se materializa na valorização dos idosos e na sua condição humana e social. As respostas vêm carregadas de características próprias do cristianismo, como a de amar o próximo como a nós mesmos: “*Sim e muito. Amando-o, ouvindo, orientado dando atenção*” (Líder 04).

Junto às líderes é que também existe um direcionamento mais voltado para o *asceticismo intramundano* com relação ao trabalho desenvolvido na PPI, entendendo que este trabalho faz parte da sua missão de católica atuante, que se pauta em Jesus Cristo e se fortificam no ES. Esta lógica de pensamento é colocada como uma resposta a fé cultivada: “*A minha fé cresce com a ação missionária da Pastoral. Concordo com quem afirma que a fé sozinha de nada adianta, e sim que a fé precisa de ações. Encontrei uma forma de agir em prol das pessoas, e isso é um grande privilégio de vivência da minha fé*” (Líder 02), o que vai ao encontro do entendimento das coordenadoras.

Finalizando, não poderíamos deixar de mencionar que nesta análise de conteúdo sobre a motivação religiosa para a ação dentro da PPI, novamente se tem a presença da crítica, e esta crítica teve lugar de destaque. Permeia primeiro a condição de católico, a existência de um governo fundamentado em ditames de poucos e para poucos e, menciona ainda à relação da fé com o trabalho caritativo como condição de ser católico, ou seja, para as líderes o agir cristão é consequência do ser cristão.

4.4. CONCEPÇÃO DE IDOSO

A concepção de idoso na perspectiva das líderes difere do levantado no grupo das coordenadoras. Se lá os idosos são vistos pela maioria das coordenadoras, como pessoas experientes e que estão cada dia mais caminhando e se preparando para uma fase da vida mais ativa e saudável, com maior qualidade de vida e espaço na sociedade; aqui para parte das líderes a visão do idoso é de uma pessoa com experiência de vida, e para os demais apenas como pessoas que estão em determinada fase da vida: *“É uma etapa da vida. Nem melhor nem pior que as outras. Precisa ser valorizada para que as pessoas idosas vivam felizes, com saúde e em paz”* (Líder 03).

Quando se faz a análise de conteúdo sobre as respostas em relação ao objetivo da PPI, temos a incidência de respostas mostrando que consiste no trabalho de levar ao conhecimento dos idosos os seus direitos de cidadãos. Por outro lado, há repostas que vão no sentido da condição humana propriamente dita, uma vez que ressaltam a atenção, o carinho e a alegria por primeiro, não desconsiderando uma boa qualidade de vida:

“O objetivo é dar atenção, carinho, dedicar seu tempo e proporcionar bem-estar e qualidade de vida para as pessoas idosas. Além de ser “ponte” entre as pessoas idosas e os serviços públicos aos quais elas têm direito, como saúde e assistência social” (Líder 03).

Diferentemente das respostas do grupo 01 em relação ao objetivo da PPI, nas quais as coordenadoras ressaltam mais os problemas de ordem social, material e física, nas respostas das líderes, observa-se um trabalho desenvolvido mais pelo cunho religioso, não se ligando diretamente ao objetivo da PPI, que é o lado social destacado no grupo 01:

“O objetivo da pastoral é fazer o acompanhamento de idosos em alguma situação de necessidade. Se as pessoas visitadas não são carentes financeiramente, mas elas têm necessidades de outra ordem, especialmente emocional. O objetivo da Pastoral é seguir os passos de Jesus e se apresentar para estas pessoas com ânimo, escutando o que elas desejam

comunicar e repassando os nossos conhecimentos para que elas possam melhorar a sua própria qualidade de vida. Nas nossas visitas buscamos valorizar o idoso, cuidando para que ele tenha a assistência necessária” (Líder 02).

O entendimento das líderes a respeito do objetivo da PPI parece convergir mais para o parágrafo 225 do texto base da Campanha da fraternidade 2003, que foi direcionada para a situação da pessoa idosa naquela década, que assim fala:

Trabalhar uma ação pastoral junto aos idosos e à sociedade que envelhece é um ministério eclesial, missão de todos os cristãos, não apenas de poucos agentes especializados ou de âmbito clerical (CNBB, 2002, p.97).

Com relação às respostas sobre a descrição dos idosos atendidos pelas coordenadoras temos que os idosos se encontram, na maioria das vezes, fragilizados física e emocionalmente falando. Aqui, a situação aparece e, como lá, aqui também aparece fortemente a condição de solidão em que vive estas pessoas:

“São pessoas com muita determinação, amor à vida e com ótimas histórias para contar, mas são também pessoas com situações de saúde e de vida muito diferentes – alguns conseguem permanecer bem ativos enquanto outros, nem tanto. Mas além de sabedoria e de ótimas histórias de vida para contar, eles normalmente se sentem solitários– e aí vem uma das principais contribuições da Pastoral” (Líder02).

A partir da análise do conteúdo das falas das coordenadoras e das líderes da PPI a respeito dos idosos atendidos na cidade de Florianópolis, pode-se considerar que um dos pontos a serem trabalhados com maior intensidade junto aos idosos é a sua condição de sua valorização social e pessoal, que passa necessariamente pela mudança de situação de solidão e ou de abandono que muitos deles se encontram.

Assim, nos leva a pensar em diversos espaços sociais em que a pessoa idosa está inserida, como por exemplo, nos presídios e casas asilares; ou ainda, na condição dos idosos portadores de necessidades

especiais, como os transtornos mentais, a deficiência intelectual, quando abandonados ou não possuem mais seus familiares? Desta forma o que se verifica é que grandes são os desafios e muito há de se estudar em cada situação apresentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos ser importante mostrar as nuances de nossa pesquisa, colocando de forma pontual as características de cada grupo. Assim sendo, observamos que houve uma constante divergência de pensamento entre o grupo das coordenadoras e o grupo das líderes, inclusive entre ele mesmo. Entre as discordâncias estão à participação da IC na política, a desvalorização da mulher por parte da IC. Mas, sobretudo, nos objetivos da PPI e na concepção de idoso. A unanimidade entre os grupos foi alcançada somente em relação ao atual papado, visto como *iluminado*, e, por isto, aparece como força desreguladora da ordem moral e doutrinária da IC.

A motivação do trabalho consiste, para ambos os grupos, em uma interação com o Criador, com o seu filho Jesus e animada pelo Espírito Santo. Percebe-se que isto vai ao encontro do conceito do *ascetismo intramundano* weberiano, pois as pessoas envolvidas na ação pastoral exercem sua missão dentro do mundo secularizado e pecador e o transformam.

Essa lógica revela elementos suficientes para confirmar nossa hipótese de trabalho de que as motivações para a ação na PPI estão mais de acordo com o *ascetismo intramundano* weberiano do que para a mística, uma vez que por seus preceitos religiosos essas pessoas são impulsionadas a atuar na PPI e, a partir disso mudam a realidade pessoal e social do idoso.

Porém, consideramos que o fator “tempo de atuação” na PPI merece atenção, na medida em que acaba refletindo na ação. Essa ação começa a ser operada por uma lógica tradicional, de cunho caritativo. Também, entendemos que, em alguns momentos, esta ação acaba sendo ressignificada. Elementos místicos, como a intenção de busca por um intimismo ou aproximação de Deus, por exemplo, direciona a ação para um *misticismo intramundano*, indo mais ao encontro da RCC.

Ademais, essa dinâmica, a nosso ver, é reforçada pela convicção de uma fé amadurecida. Em outros momentos, elementos de um discurso crítico também aparecem, mostrando influências da TL. Logo, é a composição destes elementos e, não só de um, que gera a motivação nas coordenadoras e líderes para atuarem junto a PPI da cidade de Florianópolis.

Com isso, apontamos que há uma racionalização sendo operada na ação da PPI, não podendo ser explicada unicamente pela ação racional com relação a valores, na qual as ações são tomadas com base nas crenças do indivíduo. Senão, que podemos pensá-la em paralelo

como uma ação social racional com relação a fins e tradicional; condição que o próprio Weber (2014) cogitou ser possível encontrar. Assim se concluiu que as motivações para a ação na PPI apresentam a lógica do *ascetismo intramundano* weberiano e que representam uma síntese de elementos tradicionais, carismático-espiritualistas e crítico-progressistas

O trabalho de campo traz consigo particularidades que de fato somente são mensuradas quando se vive a experiência de uma produção acadêmica e tudo o que ela implica. Durante a realização do nosso trabalho de campo, buscamos levantar os dados necessários para construir a análise de conteúdo a que nos propomos. Porém, encontramos diversos obstáculos neste processo, haja vista primeiro a inadequação do questionário, por falta de uma aplicação de pré-teste. A quantidade de perguntas e a complexidade destas foram um dos fatores que culminou no desinteresse dos coordenadores e líderes em participar da pesquisa. Também, pela gama considerável de questionários não respondidos, ou se respondidos, não o fizeram por completo.

Por outro lado, de nossa parte, tivemos considerável dificuldade durante o processo e os estágios da análise de conteúdo. Ficou evidente no decorrer das etapas da análise de conteúdo a inconsistência de várias questões, fato que refletiu diretamente sobre o resultado do trabalho, servindo para mostrar quão inadequado é proceder desta forma em futuras pesquisas.

Por fim, reconhece-se que além dos problemas mencionados anteriormente, a pesquisa possui limitações que não comprometem as conclusões obtidas, foi possível levantar elementos que refletem sobre a hipótese levantada. Existiu a limitação do tempo empregado no estudo, a limitação do material levantado, a limitação nas descobertas dentro da pesquisa e, por isso, entende-se que há muito para se descobrir em pesquisas futuras sobre esta pastoral. Além disso, a limitação própria da inexperiência no mundo da pesquisa acadêmica. Contudo, fica o aprendizado e a experiência ímpar de realizar o exercício de pensar sociologicamente, e o estímulo para desenvolver esta habilidade de raciocínio futuramente.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Editora CNBB. 4ª Ed. Brasília, 2011.

BOFF, Clodovis. **Teologia da Libertação e volta ao fundamento.** Revista Eclesiástica Brasileira, v. 67, n. 268, p. 1001-1022, 2007.

BOTELHO MONIZ, Jorge. **Uma proposta de renovação social: a caridade cristã como nova matriz civilizacional/A proposal of social renewal: Christian charity as a new civilizational matrix.** PLURA, Revista de Estudos de Religião/PLURA, Journal for the Study of Religion, v. 6, n. 1, jan-jun, p. 41-73, 2015.

CAMARANO, Ana Amélia (Coord.). **Como vai o idoso brasileiro?** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA, 1999.

CAMARANO, Ana. **Estatuto do Idoso: Avanços com Contradições.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA, 2013.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde.** Revista Brasileira de Enfermagem, v. 57, n. 5, p. 611-4, 2004.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Evangélicos e mídia no Brasil—uma história de acertos e desacertos.** REVER—Revista de Estudos da Religião, v. 3, n. 2, p. 1-26, 2008.

CAROLINO, Jaqueline Alves; CAVALCANTI, Patrícia Barreto; DE LOURDES SOARES, Maria. **Vulnerabilidade social da população idosa e a necessidade de políticas de proteção como mecanismo de inclusão social.** Qualit@ s Revista Eletrônica, v. 9, n. 1, 2009.

CARTA ENCÍCLICA **Laudato Si' Do Santo Padre Francisco Sobre O Cuidado Da Casa Comum.** 2015. Disponível em <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.pdf> Acessado em novembro 2015.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edições Loyola, São Paulo, 2000.

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Fraternidade e pessoas idosas: texto-base CF-2003.** São Paulo: Editora Salesiana, 2002.

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Sou Católico vivo minha fé.** Brasília, Edições CNBB, 2014.

CORRELATIVO, UnEstudio. **Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional.** Psicologia Ciência e profissão, v. 29, n. 2, p. 228-243, 2009.

COSTA, Marília Lhullier Cesar Moreira. **O tratamento dado nas abordagens dos Trabalhos de Conclusão de Curso na temática do Envelhecimento.** 2009. Monografia. (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

DE ANDRADE, Thales. **O pensamento sociológico de Max Weber.** In LEMOS FILHO, Arnaldo et alii. Sociologia Geral e do Direito. 2ª edição. Campinas: Ed. Alínea, 2005

DE OLIVEIRA, Maérlio Machado. **O Sagrado E O Profano.** FGV. 2014

DE SIQUEIRA, Renata Lopes; BOTELHO, Maria Izabel Vieira; COELHO, France Maria Gontijo. **A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais.** Ciência & saúde coletiva, v. 7, n. 4, p. 899-906, 2002.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; CARLOS, E. A. **Antropologia, Saúde E Envelhecimento.** Cad. Saúde Pública, v. 20, n. 4, p. 1127-1132, 2004.

DIX, Steffen. **O Que Significa O Estudo Das Religiões: Uma Ciência Monolítica Ou Interdisciplinar?** SteffenDix WP1-07 2007> Disponível em: http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2007/wp2007_1.pdf. Acessado em maio de 2015.

DOMINGUES, José Maurício. **Gerações, modernidade e subjetividade coletiva.** Tempo social, v. 14, n. 1, p. 67-89, 2002.

DOS ANJOS, Gabriele. **Liderança de mulheres em pastorais e comunidades católicas e suas retribuições.** Cadernos Pagu, v. 31, p. 509-534, 2008.

GOMES, Lidiani Polli et al. **Escolhendo participar: um estudo sobre os motivos que levam as pessoas a prestar serviços voluntários na ACIC.** 2000.

HENRIQUE, Michele Catherinet al. **Ser voluntario: algo mais do que ocupar o tempo.** 1995.

JURKEVICS, Vera Irene. **Renovação carismática católica: reencantamento do mundo.** História Questões & Debates, v. 40, 2004.

KUNZLER, Rosilaine Brasil; BULLA, Leonia Capaverde. **Idosos brasileiros: o contexto dos direitos sociais e das políticas sociais.** Argumentum, v. 6, n. 1, p. 153-159, 2014.

MENDONÇA, Antônio Gouvea. **Ciências da religião: de que mesmo estamos falando?** Revista Ciências da Religião-História e Sociedade, v. 2, n. 2, 2010.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOTTA, Alda Britto da. **A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento.** Sociedade e Estado, v. 25, n. 2, p. 225-250, 2010.

PALACIOS, A. R. J. P. **Velhice, palavra quase proibida; terceira idade, expressão quase hegemônica: apontamentos sobre o conceito de mudança discursiva na publicidade contemporânea.** Comunicação apresentada no XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (APL). Lisboa, 2004.

PASSOS, João Décio. **Os limites do carisma na instituição tradicional: Reflexões sobre as reformas do Papa Francisco em chave weberiana.** Horizonte, v. 12, n. 36, p. 1384-1407, 2015.

PRANDI, Reginaldo. **Religião paga, conversão e serviço**. Novos Estudos, v. 45, p. 72, 1996.

SANTOSI, Silvana Sidney Costa. **Concepções Teóricas e Concepções Teóricas-Filosóficas Sobre o Envelhecimento, Velhice, Idoso e Enfermagem Gerontogeriatricaontogeriatrica**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 63, n. 6, p. 1035-1039, 2010

SELL, Carlos Eduardo. **A virada mística: Subsídios para uma análise sociológica do discurso místico da teologia da libertação**. Tese de doutorado em Sociologia Política da UFSC. Florianópolis:UFSC,2004.

SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e o misticismo oriental**. Revista Tomo, n. 14, p. 15-33, 2009.

SELL, Eduardo. **Max Weber e a racionalização da vida**. Petrópolis, RJ: Vozes,2013.

SELL, Eduardo. **Sociologia Clássica: Durkheim, Weber e Marx**.Itajaí: Vozes,2014

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. **Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento**. História, ciências, saúde-Manguinhos, v. 15, n. 1, p. 155-168, 2008.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Elementos socio-históricos da Renovação Carismática Católica-DOI**. Estudos de Religião, v. 23, n. 37, p. 217-241, 2009. Disponível em: [http://dx. doi. org/10.15603/2176-1078/er.v23n37p216-241](http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v23n37p216-241). Acessado em novembro de 2015.

SOUZA, Carlos Henrique. **Max weber e a mística pietista: Uma leitura weberiana sobre a influência pietista no protestantismo histórico brasileiro**. Revista Intratextos, v. 3, n. 1, p. 17-34, 2012.

UNITATIS REDINTEGRATIO. **Sobre O Ecumenismo**. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html. Acessado em novembro de 2015.

VERAS, Renato. **Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações.** Rev. Saúde Pública, v. 43, n. 3, p. 548-54, 2009.

VICENTE, Fernanda Regina; SANTOS, Silvia Maria Azevedo dos. **Avaliação multidimensional dos determinantes do envelhecimento ativo em idosos de um município de Santa Catarina.** Texto Contexto Enferm, p. 370-8, 2013.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva de Marx Weber.** Trad. de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver.téc. de Gabriel Cohn, 4ª reimpressão – Brasília: Editora Univeridade de Brasília, 2014.

WELLER, Wivian. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim.** Sociedade e Estado, v. 25, n. 2, p. 205-224, 2010.